



REVISTA DA ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS

NÚMERO 30

COMEMORATIVO DOS 103 ANOS

REVISTA DA ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS

NÚMERO 30
COMEMORATIVO DOS
103 ANOS



PREFEITURA DE
VITÓRIA

ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS

Ester Abreu Vieira de Oliveira
Presidente

Wanda Maria Bernardi Capistrano Alckmin
Primeira Vice-Presidente

Francisco Amálio Grijó
Segundo Vice-Presidente

Josina Nunes Drumond
Terceiro Vice-Presidente

Romulo Felipe
Primeiro Secretário

Fábio Santos Daflon Gomes
Primeiro Tesoureiro

Marcos André Malta Dantas
Segundo Tesoureiro

José Roberto Santos Neves
Diretor de Publicidade

Jorge Elias Neto, José Carlos Mattedi e Jonas Reis
Conselho Fiscal

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA

Lorenzo Pazolini
Prefeito Municipal

Cristhine Samorini
Vice-Prefeita

Eduardo Henning Louzada
Secretário Municipal de Cultura

Elizete Terezinha Caser Rocha
Coordenadora da Biblioteca Municipal Adelpho Poli Monjardim

Francisco Aurelio Ribeiro
Organizador

Francisco Aurelio Ribeiro
[Organizador]

REVISTA DA ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS

NÚMERO 30
COMEMORATIVO DOS
103 ANOS

SEMC

Vitória (ES)
Prefeitura Municipal de Vitória
Secretaria de Cultura
2025

Copyright © Prefeitura Municipal de Vitória, 2025

CONSELHO EDITORIAL

Adilson Vilaça * Álvaro José Silva * Ester Abreu Vieira de Oliveira
Elizete Terezinha Caser Rocha * Fernando Achiamé
Francisco Aurélio Ribeiro * Getúlio Marcos Pereira Neves

ORGANIZADOR: Francisco Aurelio Ribeiro

REVISÃO: Dos autores

CAPA E EDITORAÇÃO: Rony Mothé

IMPRESSÃO: Gráfica GSA

FOTO DA CAPA: © Flavia M. R. Setubal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Municipal Adelpho Poli Monjardim (Vitória/ES)

Revista da Academia Espírito-santense de Letras: comemorativo 103
anos- Nº 30 (dez.2024).-Vitória, ES :
Secretaria Municipal de Cultura, 2025.
110 p. ; 21 cm.

ISSN: 978-65-85121-73-6
Anual.

Publicação em parceria com a Prefeitura Municipal de Vitória e a
Academia Espírito-santense de Letras.

1.Literatura - Espírito Santo (Estado) – Periódicos. I.Vitória (ES).
Secretaria Municipal de Cultura. II. Vitória (ES). Academia Espírito-
Santense de Letras.
III. Título.

CDD B869.0852

Distribuição gratuita. Venda Proibida.
Biblioteca Municipal de Vitória “Adelpho Poli Monjardim”
bmunicipalvitoria@gmail.com
55 27 3381.6926

SUMÁRIO

Prefácio	007
Apresentação	009
Agradecimentos	011
 ANAXIMANDRO AMORIM	 013
Ao meu pai	
Com mãos laboriosas	
 ESTER ABREU VIEIRA DE OLIVEIRA	 015
10 de Junho – Dia de Luís Vaz de Camões – Um	
Inesquecível Clássico da Literatura Lusa	
Discurso em Sessão de Homenagem a Renato Pacheco na	
Assembleia Legislativa do Espírito Santo	
Em 21 de Março – Posse de Sérgio Aboudib e Dia	
Internacional Contra a Discriminação Racial	
 FÁBIO DAFLON	 028
<i>Alma de mestre</i> , de Samuel Duarte	
 FERNANDO ACHIAMÉ	 032
Excertos do poema “As Torres Gêmeas”	
 FRANCISCO AURELIO RIBEIRO	 038
<i>Alma de Mestre</i> , de Samuel Duarte	
<i>Alma de Mestre</i> – uma Novela	
 GRAÇA NEVES	 044
O sonho à realidade!	
 ÍTALO CAMPOS	 048
<i>O Autor do Crime Perverso</i> , de Marie-Laure Susini	
Um Sertanejo e seu Universo Fantástico	

JONAS REIS	066
Discurso de Saudação a Sérgio Aboudib	
JORGE ELIAS NETO	072
Caíram as Folhas	
A Lateralidade do Voo	
Do Casto Retiro de um Poeta	
O Último	
A Escrita é uma Liga de Sanidade	
Soul	
Monólogo a Dois	
Diuturnamente	
MARCOS TAVARES	078
Tributo ao Tri	
Comendador Campos	
Sina Suína	
OSCAR GAMA FILHO	083
O Canto do Re-nato	
Oração de Graças para a Ceia de Natal	
Os Longos Silêncios do Amor	
Sonho de Mãe	
Paraíso Contagioso	
À Procura de Inguada	
Espinha, Crônica Pós-punk	
PEDRO SEVYLLA DE JUANA	097
O Meu Sonho Capixaba	
La Tarea de Traductor en 40 Autores en Castellano e	
Portugués	
SÉRGIO ABOUDIB	120
Discurso de Posse na Cadeira 36	

PREFÁCIO

Toda cidade guarda, em sua arquitetura e alma, nomes que a moldaram com ideias, gestos e palavras. Vitória, entre suas ladeiras e horizontes de luz, reverencia um desses nomes com justiça e memória: Adelpho Poli Monjardim. Prefeito da capital capixaba de 1955 a 1957 e de 1959 a 1963, um tempo de profundas mudanças no Brasil e no mundo, Adelpho foi mais do que um administrador público; foi um homem de letras, de reflexão e de compromisso com sua terra.

Sua atuação como gestor, e primeiro prefeito eleito de Vitória, deu-se num momento emblemático, após a Segunda Guerra Mundial, quando a cidade e o país exigiam reorganização e novas direções. Nesse contexto, Adelpho promoveu reformas administrativas, buscou modernizar os serviços públicos e conduziu Vitória com seriedade, ajudando a pavimentar caminhos para uma cidade mais estruturada e consciente de sua identidade.

Mas é no campo da cultura que seu nome ganha eco duradouro. Como escritor, pesquisador e defensor das letras, contribuiu para o fortalecimento da memória capixaba. E é por isso que a Biblioteca Pública Municipal de Vitória leva o seu nome, não apenas como homenagem, mas como continuidade de sua crença no conhecimento como pilar da cidadania.

Estas publicações, destinadas sobretudo aos alunos da rede pública municipal, fazem parte de um projeto maior: semear em novas gerações o valor da história, da literatura e do pertencimento. A Prefeitura Municipal de Vitória, por meio da Secretaria Municipal de Cultura, celebra com grande satisfação a parceria com a Academia Espírito-santense de Letras, renovada a cada ano desde 1990, que permite a publicação e a ampla circulação de obras que dialogam com a alma de nossa cidade.

Neste ciclo, integram o projeto a obra “Um Aristocrata nas Letras: Vida e Obra de Adelpho Poli Monjardim” da

Coleção Roberto Almada; os livros “Vento Sul”, de Carmélia Maria de Souza, “A Vida em Sonho...”, de Saul de Navarro, e a reedição histórica de “História da Província do Espírito Santo”, de Misael Ferreira Pena, os três da Coleção José Costa. Também ganham nova vida a Coleção Escritos de Vitória, agora em sua 39ª edição, reunindo muitos “Causos da Ilha” que fortalecem a tradição oral e as narrativas afetivas de nosso povo, e os periódicos “Revista da Academia Espírito-santense de Letras”, no 30º número, e a segunda publicação da “Folha Literária”.

Que essas leituras inspirem os jovens leitores a compreender que a cidade em que vivem é feita de pessoas, decisões e memórias, e que nomes como o de Adelfo Poli Monjardim continuam vivos, não apenas nas páginas da história, mas nas ideias que nos movem e nos sonhos que ainda nos guiam.

Lorenzo Pazolini
Prefeito de Vitória

APRESENTAÇÃO

A Prefeitura Municipal de Vitória (PMV), por meio da Secretaria Municipal de Cultura (SEMC), sente-se profundamente satisfeita em seguir, em parceria com a Academia Espírito-santense de Letras (AEL), semeando a valorização da memória, da literatura e da identidade cultural da cidade. Essa parceria, traduzida por meio de um convênio anual, possibilita a publicação e a ampla distribuição de obras literárias memorialísticas à população capixaba.

Essa ação, iniciada em 1990 com a emblemática coleção *Palavras da Cidade*, ganhou fôlego e projeção com a criação, em 1993, da *Coleção Escritos de Vitória*. Ao longo dos anos, essa coleção tem acolhido textos de autores jovens e também de escritores já consagrados, cujas obras resgatam vivências, histórias e percepções sobre a cidade de Vitória. Agora, em sua 39ª edição, celebramos mais de sessenta textos sob o tema *Causos da Ilha*, fortalecendo a tradição oral e as narrativas afetivas que permeiam o imaginário ilhéu.

Juntamente com essa edição da *Coleção Escritos de Vitória*, são publicadas a *Revista da Academia Espírito-santense de Letras*, com ensaios, resenhas e discursos acadêmicos, e a *Folha Literária*, com notícias culturais e textos diversos, além de quatro livros das consagradas coleções *Roberto Almada* e *José Costa*.

Entre os títulos presentes, destacam-se *Vento Sul*, com crônicas da insigne escritora capixaba Carmélia Maria de Souza; uma biografia do ex-prefeito e escritor Adelpho Poli Monjardim – que dá nome à Biblioteca Pública Municipal de Vitória; *A Vida em Sonho...*, obra de Saul de Navarro; e a reedição da clássica *História da Província do Espírito Santo*, escrita por Misael Ferreira Pena em 1878.

Ao apoiar essas publicações, a PMV/SEMC reafirma sua convicção na importância da literatura como instrumento de reflexão, memória e transformação. São obras que, além de enriquecerem o acervo das bibliotecas e chegarem às mãos de

leitores de todas as idades, preservam a memória coletiva, incentivam a leitura e promovem o diálogo entre o passado, o presente e o futuro da cidade.

Em cada um desses tempos, destaque para aquela que se mantém protagonista. A professora doutora Ester Abreu Vieira de Oliveira, de admirável trajetória marcada pela erudição e sensibilidade, ícone de compromisso com a educação, a cultura e a literatura, segue cultivando entusiasmo e nutrindo feitura como a que se materializa neste projeto. Ela, “jardineira das letras”, planta, cultiva, poda, rega, aduba, mantém e, merecidamente, colhe; e, generosamente, nos permite colher juntos. Este é só mais um fruto desta Senhora-Árvore.

É no mínimo curioso que essa ação aconteça no outono, metaforicamente, onde mais se fala do tempo, da vida, do que foi e do que se transforma. Isso tem cheiro de Albert Camus: “O outono é outra primavera, cada folha uma flor”. Uma imagem rica para quem no livro, faz morada; da literatura, um portal. Seguimos, com orgulho, cultivando esse legado. Que os bons ventos sigam soprando as folhas dessa história de sementes, flores e frutos.

Edu Henning

Secretário de Cultura de Vitória

Outono de 2025

AGRADECIMENTOS

Em seu quadro de patronos e membros, a Academia Espírito-santense de Letras (AEL) possui nomes que enriquecem a história da literatura, da cultura e da política no Estado do Espírito Santo. Ela incentiva a criação de associações culturais e de bibliotecas, além de editar e divulgar periódicos, obras literárias e historiográficas referentes a nossa terra. Ademais, a AEL mantém importante acervo arquivístico e a preciosa Biblioteca Saul de Navarro, nome dado em homenagem a esse escritor capixaba devido à generosa doação de inúmeras e raras publicações feita pela família após seu falecimento.

A atual diretoria, já em segundo mandato, iniciado em 19 de dezembro de 2022, tem procurado cumprir com as finalidades da AEL, propostas em seu Estatuto. Para isso, participa de eventos, inclusive os organizados por outras academias, tem recebido alunos em sua sede para charlas literárias, promovido concursos sobre escritos de ficção, e contribuído para o crescimento dos acervos de bibliotecas. Além de empenhar esforços para publicar as revistas e os livros que o Conselho Editorial seleciona, dentro das coleções por ela mantidas.

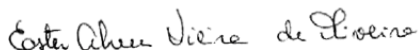
A Academia Espírito-santense de Letras agradece penhoradamente ao Prefeito Municipal de Vitória, Lorenzo Pazolini, e ao Secretário Municipal de Cultura, Edu Henning, pelo apoio financeiro que obteve para publicar dois periódicos e cinco obras avulsas. Agradecemos também aos componentes do Conselho Editorial pela colaboração, e aos acadêmicos Fernando Achiamé, Francisco Aurélio Ribeiro, Jonas Reis, Renata Bonfim e Romulo Felipe por terem trabalhado de modo voluntário na organização das publicações deste ano. Nossos agradecimentos se estendem à bibliotecária Elizete Caser Rocha, que sempre elabora as fichas catalográficas de nossas edições.

As obras da AEL procuram despertar desde cedo nas

crianças e jovens o gosto pela leitura e pelos livros. E isso está dentro dos objetivos da Academia. São 103 anos de fundação da instituição, criada em 4 de setembro de 1921 e reorganizada em 18 de julho de 1937. E, assim, é também necessário agradecer àqueles que deram início a esta agremiação e àqueles que estiveram na sua presidência e procuraram conservar e ampliar o leque de importância da AEL: D. Benedito Paulo Alves de Souza, Archimimo Martins de Mattos, Augusto Emílio Estellita Lins, João Dias Collares Júnior, Eurípides Queiroz do Valle, Ceciliano Abel de Almeida, José Antônio Ruy Côrtes, Nelson Abel de Almeida, José Moysés, Christiano Dias Lopes Filho, Rômulo Salles de Sá, Maria Helena Teixeira de Siqueira, Gabriel Augusto de Mello Bittencourt e Francisco Aurélio Ribeiro.

Muito obrigado a todos!

Vitória, dezembro de 2024.



DRA. ESTER ABREU VIEIRA DE OLIVEIRA

Professora Emérita da Ufes

Presidente da AEL

www.ael.org.br

ANAXIMANDRO AMORIM

Advogado, professor e escritor. Pertence à cadeira 40 da AEL.

AO MEU PAI

Como podias ter mãos tão firmes e doces, meu pai?
Foram elas o meu primeiro remanso, o meu acalanto
Foram elas que vi conter tuas lágrimas
no encontro dos nossos olhos
Falavas pouco, eu sei
Porque eras amor além do verbo
No teu idioma, havia os gatos, os cães, as hortaliças, que flo-
resciam
as mais belas, porque tu eras fecundo
E assim seguiste, meu pai
Com tuas mãos sempre firmes, para mim
Mesmo quando viraste o filho e eu, o pai
Mesmo quando a tua fortaleza
capitulou como um dia eu saberia capitular
Não há, porém, entre nós, muros derruídos
Os teus domínios permanecem,
doravante, na memória, sólidos
rocha do amor sempiterno
E assim tu viverás para mim, meu pai
Porque tinhas mãos doces e firmes
Porque eras único
Porque eras lindo.

COM MÃOS LABORIOSAS

Com mãos laboriosas
refaço o caos
no mesmo instante em que
interrompo a voragem dos dias
– importa apenas o
que estava fincado em meus
caminhos,
– importa apenas a
porta da
saída.

ESTER ABREU VIEIRA DE OLIVEIRA

Presidente da Academia Espírito-santense de Letras. Pertence à cadeira 27.

10 DE JUNHO – DIA DE LUÍS VAZ DE CAMÕES – UM INESQUECÍVEL CLÁSSICO DA LITERATURA LUSA

Na literatura, consideram-se escritores clássicos os que possuem obras que resistiram ao tempo. Elas continuam a ser lidas e apreciadas no decorrer dos séculos. São atemporais. Preservar esses escritores é como conservar uma parte essencial da nossa história e cultura. Suas obras são tesouros literários que devem ser apreciados e transmitidos para as futuras gerações. Elas ajudam a ampliar nosso conhecimento cultural, permitem-nos ter contacto com diferentes épocas e abordagens universais eternas como o amor e a morte. E Luís Vaz de Camões é um dos clássicos do Renascimento português.

Camões, soldado, poeta, dramaturgo, autor do poema épico “Os Lusíadas”, revelou grande sensibilidade para escrever sobre os dramas humanos, sejam amorosos ou existenciais. Ele é considerado o maior escritor do período do Classicismo e apontado como um dos maiores representantes da literatura mundial. Em sua época foi pouco reconhecido, mas deixou para a posteridade uma riquíssima obra e mostrou nela o seu vasto conhecimento, sensibilidade e filosofia, como a traduz com humor na décima Esparsa ao desconcerto do Mundo (1977, p. 17): “Os bons vi sempre passar/ No mundo graves tormentos:/ E para mais me espantar,/ Os maus vi sempre nadar/ Em mar de contentamentos./ Cuidando alcançar assim/ O bem tão mal ordenado,/ Fui mau, mas fui castigado:/ Assim que, só para mim/ Anda o mundo concertado”.

Pouco se sabe da vida de Vaz de Camões. A vida e o

local de nascimento e morte, ainda que incertos, são mencionados que nasceu em Lisboa, por volta de 1524, faleceu em 1580, estudou em Coimbra, morreu pobre e seu escravo Jau, à noite, mendigava o sustento de ambos, e que amou a várias mulheres. O dia 10 de junho, quando faleceu, foi o escolhido para “Dia de Portugal”, “Dia de Camões”, “Dia das Comunidades Portuguesas”, e da “Língua Portuguesa”. Neste ano celebram-se os 500 anos de nascimento de Luis Vaz de Camões.

Na obra magna camonianiana *Os Lusíadas* ele envolve todo o povo lusitano. É uma obra épica, na qual o poeta faz, entre fatos históricos, dados geográficos e mitos, a narrativa da viagem de Vasco da Gama de Lisboa à Índia. Nas duas primeiras oitavas do Canto I, que dá início à obra, ele menciona o objetivo de estender a narrativa além da pátria para destacar a ação expansiva portuguesa, ao mesmo tempo em que louvaria os reis e os valorosos homens que fizeram parte desta expedição.

1

As armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

2

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valerosas

Se vão da lei da Morte libertando,
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Esta épica, por sua magnitude, é síntese e sublimação da literatura portuguesa. No canto 1, o poeta lamenta a crueza das guerras: “No mar tanta tormenta e tanto dano,/ Tantas vezes a -morte apercebida;/ Na terra tanta guerra, tanto engano,/ Tanta necessidade aborrecida!/ Onde pode acolher-se um fraco humano,/ Onde terá segura a curta vida,/ Que não se arme e se indigne o Céu sereno/ Contra um bicho da terra tão pequeno”.

A existência de Camões como literato e ou soldado era alternada com uma vida boêmia. Nesse ambiente amou e, num soneto, conceituou esse sentimento como “fogo”: “Amor é um fogo que arde sem se ver;/ É ferida que dói e não se sente;/ É um contentamento descontente;/ É dor que desatina sem doer.” Também, em outro soneto, considera o Amor uma “fatalidade” que submete o ser humano e modifica os seres, pois o amor “Transforma-se o amador na cousa amada, / Por virtude do muito imaginar; / Não tenho, logo, mais que desejar, / Pois em mim tenho a parte desejada.// Se nela está minha alma transformada, / Que mais deseja o corpo de alcançar? / Em si somente pode descansar, / Pois consigo tal alma está liada”.

O tema amoroso aparece na obra de Camões tanto nos sonetos, nas canções e nas éclogas como na sua obra épica *Os Lusíadas*, seja em forma de paixão e de desejo que visa a encontrar a mulher, como no Canto IX, quando o bardo menciona a Ilha dos Amores, lugar e prêmio para os fatigados navegadores. Também, o Amor é mencionado em forma de louca paixão, no Canto III, quando Inês de Castro é coroada depois de morta. No Canto IX, novamente ele o apresenta representando uma vitória sobre o desconcerto do mundo, porque o Amor travara “u’a famosa expedição/ contra o mundo rebelde”. Nesse Canto, na estr. 83, o eu lírico mostra vencidos e vencedores entregues ao amor: “Oh, que famintos beijos na floresta,/ E que mimoso choro que soava!/Que afagos tão sua-

ves! Que ira honesta, / Que em risinhos alegres se tornava! / O que mais passam na manhã e na sesta, / Que Vênus com prazeres inflamava, / Melhor é experimentá-lo que julgá-lo; / Mas julgue-o quem não pode experimentá-lo.”

Camões, com seu claro olhar observou a realidade circundante e moral. Com agudeza e penetração atravessou a vida literária de um Portugal Quinhentista. Frequentou a vida cortesã de Lisboa, e se enrijeceu numa experiência de soldado, cruzando mares e terras de Oriente, pisando caminhos abertos e trilhados pelos heróis e por Vasco da Gama, para chegar até nós nesses 500 anos passados de seu nascimento, fazendo jus de ser um clássico da literatura mundial.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Eugênio. *Versos e alguma prosa de Luís de Camões*. Lisboa: Moraes e Editores 1977.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Porto: Figueirinhas, 1978. 2v.

CIDADE, Hernani. *Luis de Camões*, Lisboa: Editora Arcádia Limitada, 1961.

DISCURSO EM SESSÃO DE HOMENAGEM A RENATO PACHECO NA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESPÍRITO SANTO

Quero saudar na pessoa do presidente da Comissão de Educação, o excelentíssimo Deputado Dary Pagung, os componentes da mesa e os senhores e senhoras que estão presentes nesta cerimônia.

Eram os deuses homéricos personificações de forças naturais, ocupando uma situação ímpar. Eles surgem da necessidade de definir a condição humana. Pode-se dizer que em nossa volta existem diferentes espécies de deuses. E, desde tempos antigos para homenagear figuras importantes da mitologia foram usadas estátuas. Por exemplo, figuras de Zeus, Atenas, Hércules eram colocadas nos templos, praças públicas, para serem admiradas e veneradas pelos cidadãos.

O costume de construir estátuas, bem como o de designar lugares com o nome de um deus, ou o de colocar sua figura talhada em medalhas, para lembrar-se do seu poder, levaram os homens a celebrar homenagens dessas maneiras a vultos históricos que se destacaram na Política, nas Artes, na Filosofia, e em outras ciências. Ou seja, medalhas são fundidas com o intuito de destacar o valor de alguém, como um gesto de reconhecimento e honra à sua significativa contribuição para a sociedade, para que seu esforço e dedicação sejam um modelo para a nação, a cidade, ou organizações.

Logo, as medalhas se tornaram símbolos de profunda significação e têm sido usadas ao longo da história para comemorar datas, pessoas consideradas importantes, modelos a serem imitados, para celebrar conquistas, e para honrar méritos e reconhecer feitos notáveis.

Hoje teremos, nesta sessão solene, organizada pela Comissão de Educação, a entrega da medalha: *Educador Capi-xaba Renato Pacheco, que é uma resolução nº 2.172 de 12 de*

maio de 2004. Essa medalha foi concebida como um gesto desta nobre Casa de reconhecimento à excelência do professor, escritor, folclorista e magistrado capixaba, Renato Pacheco por sua dedicação a nosso Estado e, logo ao país,

Este tributo que se presta a esse eminente cidadão capixaba se torna uma extensão à Educação Capixaba, ou melhor, aos trabalhadores em educação e às instituições de ensino nas redes públicas e privadas do Estado do ES.

E os Educadores, os que trabalham em e para a educação, não podem ser esquecidos em seu labor, pois contribuem para a transformação social dos indivíduos. Eles procuram combater exclusões sociais e despertar o potencial humano indispensável em seus alunos, fortalecendo-os para superarem as adversidades na realização de seus sonhos, criando-lhes um ambiente propício, facilitando-lhes a aprendizagem, e promovendo o pensamento crítico. Por fim, suas responsabilidades vão muito além da sala de aula, envolvendo também questões éticas, sociais e emocionais. Valorizá-los e reconhecer o trabalho desses profissionais é louvável. E, colocar entre esses profissionais o nome do capixaba Renato Pacheco é uma consideração que permanecerá e uma honra para esses profissionais ter uma medalha com o nome do insigne professor capixaba Renato Pacheco.

Renato nasceu em 16 de dezembro de 1928 e viveu ativamente entre nós até 18 de março de 2004. Com formação em Direito, Filosofia, Sociologia e Ciências Políticas, magistrado, professor do ginásio e universitário foi uma pessoa atuante em nosso Estado no setor cultural e educacional. Ele pertenceu ao IHGES e nele atuou também na presidência. Na AEL, que hoje aqui represento, foi o segundo ocupante da Cadeira 22, patrono José Horácio Costa, advogado, político e abolicionista. Renato, como acadêmico, deu a sua entrada no dia 13 de maio de 1949, dia significativo para o Brasil, e penso que para prestar uma homenagem a seu patrono que era abolicionista. Foi um acadêmico militante digno da imortalidade, como comprova a sua vasta obra. Era simpático, aten-

cioso, e estava sempre presente às reuniões. Era militante de ações significativas. Quando havia eleição, seja para candidatos ou mudança de diretoria, não deixava de lutar para a escolha do que ou daquele que lhe parecesse o melhor.

Suas obras de ficção ou didáticas retratam o grande conhecedor e amante de nosso Estado e de sua Cultura, Sociedade e Política. E eu, que vim de Muqui e desconhecia o mundo vitorienense, como conheci esse eminente senhor capixaba que dele fui colega no Colégio Estadual do ES e na Ufes, no IHGES e na AEL?

Foi em 1956. Eu era aluna do Curso de Letras Neolatina na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Espírito Santo (FAFI, que passou para Centro de Estudos Gerais da Ufes). Uma certa manhã, em que estávamos, em uma aula de português com o Professor José Leão Nunes, um jovem professor do Curso de História da FAFI, possuidor de uma agradável fisionomia e voz, nos veio convidar para assistirmos a um curso sobre Machado de Assis, que a Academia Espírito-santense de Letras (AEL) oferecia. Lá estive e pude apreciar a aula que nos ofereceu o Professor Renato Pacheco, que nos havia convidado.

Era Renato Pacheco professor de História e um sensível escritor. Mas como a História pode se entrelaçar com a literatura, ele, em 1947, em *Bilhete para Cervantes*, canto que faz à Espanha, um poema político, segundo Reinaldo Santos Neves “(descrito em subtítulo como ‘tentativa de poema social...’, com reticências e tudo)”, ali ele faz um lamento ao país de Cervantes quando esse ainda se encontrava despedaçado pela guerra civil de 1936, na época do regime franquista. Segue um fragmento do poema com a estrofe inicial:

Espanha dorme!
É preciso acordar Espanha...
Das cinzas do passado há de ressurgir
Espanha!
[...]

E com a estrofe final:

Vem Cervantes.

É preciso acordar a tua Espanha

Que dorme. Vem depressa...

Senão os pobres jovens de Madri

Não poderão ler o teu Quixote!/[....] (p. 7, 9).

Em seus romances, Renato Pacheco se mostra o ficcionista que, baseado em dados históricos, recria paisagem e vultos verossímeis, mas, ao mesmo tempo, fornece verdadeiras aulas de história/política e social do ES, como na obra *Fuga de Canaã. Decadência de uma família alemã no Brasil* (1981), quando retoma o tema de Graça Aranha, de uma tragédia ocorrida no ES, em Santa Leopoldina, com imigrantes alemães, e a obra *Reino não conquistado* (1984), que contém a saga de um viajante escocês, que esteve na terra capixaba no fim do período colonial, e a história de seus descendentes.

Todo professor e escritor deve ser um bom leitor. E Renato era e assim declara em *Reino Não conquistado*, p. 211: “[...] para escrever um romance a gente deve a tantas fontes que é difícil dar todos os créditos corretamente. [...] Os anônimos jornalistas vitorienses, os viajantes do século passado, os historiadores capixabas, a crônica familiar, tantas são as raízes ficcionais que melhor deixar aqui um MUITO OBRIGADO à Vida, por se vida e por estar sendo vivida. [...]” Logo, todas as leituras são válidas como fonte de inspiração para um escritor.

Renato Pacheco cativava o auditório pela voz, aparência cativante e intensidade de conhecimentos. Autor de muitas obras de gêneros diversos, sobre temas variados, sendo os mais frequentes os que pulsavam sobre história, vida, sociedade, paisagens do Espírito Santo. Humildemente, em *Eu vi nascer o Brasil* – (no interior da capa) expõe sua preocupação perfeccionista: “[...] por dever de ofício, tenho quebrado a cabeça para procurar a palavra certa que expresse corretas e

claramente, meu pensamento.”

Ao escrever Renato, mascarado de outro, um caso raro na literatura produzida no ES, ele utilizou três heterônimos Fernão Ferreiro, Fausto Barbosa, e Antão Reis. E como Fernão Ferreiro ele dá o seu testemunho criativo:

Dou testemunho de palavras jamais ditas ou pensadas.

Dou testemunho de sons nunca ouvidos, de luzes não vistas.

Dou testemunho de sabores novos e cheiros do além.

Dessas sensações polidimensionais dou testemunho.

(*Cantos de Fernão Ferreiro*, p. 49)

Em *Profissão de fé*, em “Poemas da montanha”. p.13) Renato declara a sua poética:

Em meus poemas cantarei somente
o lado bom de todas as coisas,
como as crianças pobres que lutam e
que vencem.

Terei, também, uma palavrinha de alegria
para todos os infelizes que choram
pelos caminhos do mundo.

Nas salas dos professores do Colégio Estadual do Espírito Santo e da Fafi, onde lecionava, era um prazer ouvir as suas notícias, sempre novas, sempre atuais, e a sua estrondosa gargalhada. Admirava-me o carinho, a admiração, o respeito, que ele apresentava para com o prof. Guilherme Santos Neves, durante o nosso recreio escolar. Depois que passamos para o IC3, no Campus de Goiabeiras da Ufes, o Departamento de História era no segundo andar, o meu encontro com ele era menos frequente, mas muitas vezes cruzava-me

com ele ou ele ia à sala do Departamento de Letras para pa-pear.

Sempre o prof. Renato Pacheco foi muito atencioso para comigo, convidou-me várias vezes para participar de antologias e incluiu-me em eventos. Destacava-me como professora e, primeiro, como presidente da Associação de Professores de Espanhol, e depois como acadêmica e pertencente ao IHGES. Muito simples e amável, esteve com meus alunos no Colégio Estadual para falar de sua obra *A oferta e o altar* que meus alunos tinham lido como tarefa didática. Sua presença e seu diálogo com os alunos foi um acontecimento agradável e produtivo. Nas reuniões do IHGES e nas da AEL estava sempre presente e atuante.

Quando fui aceita como membro da AEL foi o Prof. Renato Pacheco que me orientou sobre a cerimônia e me deu o livro sobre a AEL de Elmo Elton e foi com ele, junto com Luiz Busatto e Neida Lúcia Moraes, que se deu a minha entrada na sala de cerimônia de posse no auditório de A Gazeta.

Certa vez, o Conselho de Cultura do ES, foi a Dores do Rio Preto e, quando subíamos a serra do Caparaó, o Prof. Renato apontou a Serra Menina. Como me interessei pela visão magnífica da paisagem ele me fez notar que o maciço de pedra cor azulada tinha a forma de uma mulher deitada e relatou a lenda que envolvia esse paredão que se destacava entre o verde. Mas, como Gabriel Bittencourt, que se encontrava nesse grupo, me perguntou se eu já tinha lido a obra *Pedra menina*, do Prof. Renato, minha curiosidade foi despertada e fui procurar esse livro para lê-lo. É o sétimo romance do Prof. Renato, com 65 páginas. É uma produção da coleção Almeida Cousin do IHGES, que ele dedica a Miguel Depes Tallon, a Xerxes Gusmão Neto, ao Dr. Renato Lyrio Morelato e a Francisco Aurélio Ribeiro.

A história se passa numa fictícia cidade, Pedra Menina, onde acontecerá um drama, semelhante ao que ocorreu em outras cidades deste nosso Planeta. É uma obra que aconselho a lerem. É a história de uma cidade que desaparecerá, em

virtude de uma construção de uma hidroelétrica. Os nomes geográficos e próprios na obra, ainda que se assemelhem a de pessoas conhecidas, fazem parte da ficção e tornam a história mais verossímil.

A extensa e variada obra em gênero de Renato Pacheco (ficcional, poética, infantil e didática), na qual o Espírito Santo é o tema central, foi estudada significativamente por Andréia Delmaschio, Reinaldo Santos Neves, Miguel Depes Tallon, e Fernando Achiamé.

Falar de Renato José da Costa Pacheco de suas atividades e excelências é um campo vasto. Quer seja ele professor, jornalista, folclorista, pesquisador, poeta, autor de livros infantis e didáticos, romancista, historiador, magistrado e vice-reitor comunitário da Ufes. Mencionar suas participações em atividades culturais na Academia Capixaba dos Novos, na Academia Espírito-santense de Letras, e no Instituto Histórico e Geográfico do ES seriam muitas as ações realizadas. Apontar sua extensa produção, com algumas obras realizadas em parceria com amigos, sendo o Espírito Santo o tema central, ou se deliciar com suas metáforas poéticas, não há ponto final, pois seus leitores, embebedados no desfolhar das folhas de seus livros, farão os mais diversos comentários que as tornam imorredouras. Obrigada por me ouvirem e pelo convite de vir aqui lembrar esse imortal acadêmico Renato Pacheco.

REFERÊNCIAS

PACHECO, Renato. *Pedra menina*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1999.

_____. *Ponto final*: antologia poética. Rio de Janeiro: Galo Branco, 1998.

_____. *26 Poemas da montanha*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1998.

_____. *Bilhete para Cervantes : Poemas*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1997.

_____. *Reino não conquistado*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida -UFES, 1984.

_____. *Cantos de Fernão Ferreira*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida. Ufes, 1985.

EM 21 DE MARÇO POSSE DE SÉRGIO ABOUDIB E DIA INTERNACIONAL CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL

A posse de um escritor acadêmico é resultado do preenchimento de uma vacância no quadro permanente da Academia. Isso ocorre, durante o plenário da instituição, por aprovação da maioria de acadêmico, presente à reunião, do nome de um escritor entre notáveis candidatos, depois de feita a análise de sua produção literária, bem como da participação cultural e das contribuições científicas que constavam em seu currículo e comprovam que tenha prestado à comunidade contribuições culturais efetivas e de reconhecimento mérito nas letras, seja com publicações em prosa ou na poética, em livros, jornais, revistas e similares meios de divulgação.

Mas uma posse para uma Cadeira na Academia dos considerados imortais tem duas faces: uma, a da tristeza da partida entre nós de pessoas às quais amamos e permanecem no quadro dos acadêmicos, mas não entre nós, em nosso convívio diário. Pessoas que contribuíram para a ampliação da cultura. A outra face a da alegria da entrada de UM novo membro na Academia e nesta noite é o Dr. Sérgio Aboudib, escritor, poeta e ensaísta, que faz a feliz entrada na casa Kosciuszko Barbosa Leão, que agora também será dele e, que, portanto, nós seremos seus pares. Ele está sendo recebido onde exerce com honraria o seu mister de advogado, conselheiro do Tribunal de Contas do Espírito Santo. O novo imortal da AEL, foi eleito para a cadeira 36 da instituição, antes ocupada pelo saudoso acadêmico Douglas Puppín, falecido em 26 de fevereiro de 2023, aos 84 anos.

A reunião ordinária que definiu a eleição de Sérgio

Aboudib a esta instituição, fundada em 1921, foi realizada em sua sede, também conhecida como a Casa Kosciuszko Barbosa Leão, em homenagem ao acadêmico que fez à entidade a doação de sua residência, localizada na Praça João Clímaco, no centro de Vitória, ao lado do Palácio Anchieta.

A AEL é grata ao doador do imóvel próprio, Kosciuszko Barbosa Leão e sua esposa Laura Madeira de Freitas Leão. Em agradecimento a esse gesto de grande generosidade, a casa recebeu o nome do benfeitor e a Academia criou a medalha Kosciuszko Barbosa Leão, que oferece a acadêmicos e, ou a pessoas de destaque para a AEL. Hoje o neoacadêmico Sergio Aboudib a receberá.

A AEL é uma entidade sem fins lucrativos e é uma associação civil de caráter cultural, que tem por finalidade o cultivo da língua nacional e da cultura literária, tendo por lema *Semper Ascendere* e, desde que foi criada, tem procurado ser uma entidade cultural e social observando os princípios da legalidade, impessoalidade, moralidade e não faz qualquer discriminação.

A AEL é composta de 40 membros. São 40 cadeiras, cada uma com um patrono. Há ainda acadêmicos correspondentes no Brasil e na Espanha, em Portugal, no México, Costa Rica e Argentina. Nesta solenidade, a Cadeira número 36 será ocupada e o neoacadêmico será saudado pelo Acadêmico Jonas Reis.

Na data de hoje, 21 de março, celebramos o Dia Internacional contra a Discriminação Racial. Essa data é um marco essencial para lembrar a importância e a representatividade do povo preto na sociedade. Foi estipulada em 1979 e fortalece o reconhecimento da população preta na história. Além disso, no Brasil, também comemoramos o Dia Nacional das Tradições das Raízes de Matrizes Africanas e Nações do Candomblé, nessa mesma data.

Convido para introduzirem neste recinto o Senhor Sérgio Aboudib, neoacadêmico, pelos membros da diretoria: a vice-presidente da AEL e da AFESL, a Sra. Dra. Josina Nunes, o acadêmico-tesoureiro Marcos Tavares e o Acadêmico Presidente de Honra Francisco Aurelio.

FÁBIO DAFLON

Médico, poeta e escritor. Pertence à cadeira 37 da AEL.

ALMA DE MESTRE, DE SAMUEL DUARTE

Ítalo Calvino em seu texto *Por que ler os clássicos*, mostra que uma das principais características de um clássico é a capacidade de transcender sua cultura de época: “Um clássico é um livro transtemporal, ao mesmo tempo que reescreve o passado, lança uma flecha para o futuro, pois nunca termina de dizer o que tem para dizer”.

O livro *Alma de mestre*, de Samuel Duarte, é um clássico da literatura capixaba, não só por ter a força narrativa semelhante a livros como *As vinhas da ira*, de John Steinbeck, ou *O lobo do mar*, de Joseph Conrad. Ambos clássicos. Mas também por ter riqueza vocabular náutica tão boa quanto a usada por Conrad, ou Moacir Costa Lopes, o ficcionista do mar, autor do livro *As virgens da Ilha de Trindade*. ou *A ilha do Tesouro*, de Adelpho Poli Monjardim.

Sem desconsiderar o que traz do passado, por se tratar de uma tragédia grega romanceada, na qual o destino das pessoas é determinado por circunstâncias subjetivas e sociais. Ira, desejo, esperança, sonho, ressentimento e vingança perpassam o texto, como veremos tudo em função da superação de um estigma.

O personagem central foi filho de mãe cabocla e um pai francês, arribado em Piúma por motivo de um naufrágio. Conhecido como “O velho” era um pescador escuro e de poucas palavras, aos cerca dos oitenta anos, que nunca esquecera o pai que o abandonou, deixando para a mãe o ódio dos homens. Magô era seu epíteto, por que o pai o chamava de Ma glorie, registrado pela mãe como Maglório. Não era benquisto na colônia de pescadores, tanto por seu jeito taciturno quanto por histórias escabrosas contadas a seu respeito pelos contemporâneos.

Entre essas uma referida à canibalismo, quando por ocasião do naufrágio do cruzador *Bahia*, abatido por submarino alemão, aos olhos de Magô uma baleia, foi recolhido da balsa de sobrevivente junto ao corpo morto de um náufrago, do qual tirara um pouco de carne para fazer iscas de pescaria, tendo a pesca o ajudado a sobreviver, pagando o ônus de ter de abandonar a carreira marinheira como “canibal”. Estigma sobre estigma, o do berço e o da formulação da experiência.

O personagem seria apenas um velho taciturno e malquisto, levou sua vida às custas da pesca cotidiana. Sua tristeza teria passado em branco, não fossem alguns acontecimentos. Entre eles a paixão de entrega física por uma mulher linda, Adelaide, que durou bom tempo antes que a fêmea sumisse para voltar tempos depois, não mais reconhecível como linda, para lhe entregar o fruto – um menino macho. Em quem Magô deposita toda a esperança de uma vida digna e melhor. Superação geracional do estigma. O não querer para o filho um destino ruim – perpetuação do estigma do abandono.

Intenção que faz Magô – o velho – buscar articulações sociais a fim de facultar seus estudos em boas escolas, para onde o filho vai limpo, bem arrumado, com material escolar e boas notas, motivo para o orgulho do pai, que se ilude com o sucesso do filho, apenas para sofrer grande frustração, quando o filho abandona a escola para se engajar no tráfico de drogas, às expensas de Dom Ramon, um traficante espanhol radicado no Espírito Santo, que termina por executar o filho de Magô.

O rapaz representava a esperança do pai, o sonho de uma vida melhor. Antes de morrer, fez uma ligação para Magô, relatando que os homens estavam chegando para matá-lo e fazendo, antes do suspiro, um último pedido: que o pai o vingue, que mate o mandante do crime.

Eis a história de um homem humilde, capaz, a partir dos seus sentimentos, de carrear emoções universais, de amor, ódio, perpassadas por ações épicas, tão fortes como as de *O velho e o mar*, de Ernest Hemingway; entretanto, com

o velho Magô sabedor de que lhe resta apenas a morte. Por ser o seu destino sempre mais que miserável. Estigma aceite a ser mitigado por acerto de contas, a promessa ao filho de vingá-lo.

Para tanto, constrói *Dionéia*, embarcação com nome de planta venenosa, e com ela faz entregas aos navios fundeados ao largo da costa, durante bom tempo. Até que Don Ramon o demande para a entrega de encomenda maior; o que permite a Magô formulação de exigências. Entre as quais, a de que Don Ramon embarque também para a realização da missão.

O velho do mar não visa o lucro do empreendimento, quer apenas realizar a sua vingança, cumprir a promessa ao filho na hora derradeira. Don Ramon não embarca sozinho. Magô sente a dificuldade de realizar o seu intento. Há uma tensão que perpassa o texto por inteiro, que chega ao ápice nas páginas finais do livro.

A unidade harmônica do texto tensionado exige a leitura mais do que a análise dos seus capítulos ou extratos de texto. Mas ressaltamos a contextualização histórica, na certeza de que os historicistas compreenderão melhor o tempo da narrativa, sem que isso impeça a transtemporalidade da obra.

Ler o livro *Alma de mestre* é uma lição de vida, da vida pujante existente em um personagem que faz da sua própria desgraça o grande acerto de contas. Tudo que acontece a Magô é injusto. Porém, a violência com que realiza a sua vingança é justa.

O romance possui três blocos essenciais:

- 1) O estigma do desamparo que Magô não quer transmitir ao filho;
- 2) A esperança como projeto de vida, quando Magô enxerga no filho a sua própria redenção, isto é, a possibilidade de realizar algo que lhe dê orgulho de ter feito algo de bom na vida;
- 3) O homem devastado, no qual se torna vingador, ainda que fosse impossível a vingança em

relação a tudo que lhe aconteceu, sua ação transborda o ressentimento e a fatalidade, quando passa a ser o agente que, no comando, realiza a sua vingança.

No livro não há mensagens filosóficas, há apenas a vida como ela é. Enxerga-se intertextualidade entre *Alma de mestre* e *A faca de dois gumes*, de Fernando Sabino. Aldo Tolentino realiza vingança de magnitude igual a Magô, quando mafiosos pensam que podem dispor dos corpos de sua esposa e de seus filhos.

Não cabe dizer que no final morre todo mundo, no caso de *Alma de mestre*. Cabe instigar leitores a terem a curiosidade de saber o porquê isso acontece, como, quando e onde.

Morremos todos um pouco com a morte de Romeu e Julieta, do texto de Shakespeare. O livro *Alma de mestre* nos faz sentir tristeza e luto. Tristeza porque a vida pode ter muito mais desapontamentos que alegrias. Luto porque lamentamos o fim da leitura do livro.

O autor nos faz sentir imensa empatia pelo personagem principal. Magô, hoje, continua em minha memória, não só como personagem do povão, não só pelo estigma, pela indignação, pela preciosidade textual do romance em torno de um homem de poucas palavras. Há no coração dos leitores uma prateleira de biblioteca na qual colocam-se livros para serem relidos e relidos. *Alma de mestre*, de Samuel Duarte, é um desses livros preciosíssimos.

FERNANDO ACHIAMÉ

Poeta e historiador. Pertence à cadeira 17 da AEL.

EXCERTOS DO POEMA “AS TORRES GÊMEAS”

11. Out of Nowhere

Que estes versos afundem em incerto mar,
no grande mar da página em branco –
único túmulo digno para poemas.
(Como é o oceano para almirantes batavos...)
Todos nos irmanamos na poesia.

A ideia remoeu em mim por longo tempo:
escrever versos sobre o 11 de Setembro.
Agora chega.
Chega dela se refazer por anos a fio:
que submerja na tela branca do PC,
sepulcro digno do transitório.
O que ressurgirá nas mentes
para o sol dourado do amanhã?
Ao não escrever os versos há 10 anos,
não me livrei deles por 10 anos.
E para entender algo da vida ouço
Charlie Parker soprar surpresas no sax.

Cidades são aldeias por 10 minutos.
Já Nova Iorque cria a cada 10 minutos
outra Aldeia para os próximos 10 minutos.
Todos os longos anos cabem em 10 minutos
desde que Nova Amsterdã recebeu
quem antes sentiu as ilhas, arrecifes,
os rios, a luz, o mar tropical, e os claros ventos,
quem fundou a Rocha de Israel,

(primeira sinagoga das Américas)
e a transportou do Recife holandês.

Sabe bem A Grande Maçã:
ninguém é maior que seu coração,
sempre a bater em cadência simples.
A escala humana é aldeã.

12. Pássaros

Cúmplice dele mesmo, o Universo
se expande a todo instante:
explode em estrelas, engole supernovas,
cria buracos negros, galáxias a dar com pau
para tudo ficar mais distante.
(e pobres rimas não se darem mal)
Indiferente à eternidade,
ele se assusta por vezes
como quem não tem maldade.
Um avião entra na Torre Norte.
Com o estrondo, gaivotas voam em pânico
(são pássaros, nem pensaram
em ataque atômico)
Fogem mais gaivotas com a explosão na Torre
Sul.
(não são idiotas: buscam abrigo em lugar cool)
Nenhum dia poderá apagar
você da memória do tempo.

Velho navio atraca no cais em Lower Manhattan.
Fácil reconhecê-lo na claridade daquela manhã.
Oitenta e nove anos atrasado,
o *Titanic* chega afinal a Nova Iorque
e lança suas amarras à cidade exausta.
Pense nisso sem levar um choque:
o barco foi trazido por pelicanos

do abismo onde pousou em 1912.
No day shall erase you
from the memory of time.

Primeiro passageiro a saltar, o poeta Virgílio
lança no ar seu manto branco e balbucia:
– O que fizeram com meu verso?
Que língua estranha é essa?
(Se empregasse interjeição de
pouco uso diria: – Homessa!)

Mãos humanas nada podem com o Inexistente.
Não acreditem, poetas, no porvir.
Ele sempre muda seus poemas aqui e ali
para se entender apenas com o coração,
com corpos novos (por quem sois),
novas ideias, com o que brota dos vivos,
dos que sempre têm razão.
O que será dos seus versos?
Nada é garantido.
Nem o Boi Garantido, nem o Boi Caprichoso,
(gado de Parintins com bons costados)
alimentam tal pretensão.

Cumpre esmagar o futuro, dele fazer bagaço.
O *Titanic* enferruja em docas seguras:
todo poema se quer ruína, busca o fracasso.
Água entra em dois quadrados negros
(os limites das torres caídas),
igual o mar dentro do navio inglês.
Gaivotas sujam a cidade
e indagam em plena liberdade:
Nenhum dia poderá
apagar você da memória do tempo?
O Irreal nada responde.
(No Real ele se esconde)

Virgílio coloca as mãos no rosto
e soluça baixinho em Nova Iorque.
(O que fizeram com os versos dele...)
Quem poderia lhe dar um toque
para o consolar desse desgosto?

Ninguém deixa em paz o navio
que enfim chegou a um porto
vindo do seu leito frio e escuro.
O futuro jamais chegará:
se vem, já é presente.
(É tudo o que a gente sente:
estamos todos ao deus-dará)

20. Terror antigo

Terror é com a gente mesmo.
Invasões bárbaras criam europeus.
Que, bárbaros, invadem a África.
Em seguida, a América.
Depois o Mundo.
Bárbaros, fazem
de disputas paroquiais
duas guerras mundiais.

Bárbaros são os que invadem impérios.
Bárbaros, os que forçam limites.
Será sempre assim?
Desde a Grande Muralha
até o muro louco de Berlim
ou o da fronteira mexicana?

O Terror pariu a Modernidade.
E desde 1793 a nutre.
Políticos malucos querem Israel
cercado qual campo de concentração.

Homens nunca falham.
Nem aprendem.
Gostam de viver juntos nos campos.
Gostam de viver juntos nas cidades.
Juntos viver no trabalho.
Arbeit macht frei?
Nem de tudo o trabalho liberta.
Tempos Modernos no Terror se viciaram:
Terror divino.
Terror estatal.

Ó Deus, onde estavas quando
estenderam cercas de arame farpado
para o delírio da Solução Final?
Que, afinal, nada resolveu.
Onde estavas, Suprema Deusa,
ao zarparem d'África navios negreiros?
No Éden também estivestes
quando nos impusestes a Grande Perda.
Por que também saístes de lá?
Por vosso livre arbítrio?
Desde então algo nos escapa.

Tempos virtuais, perdas contínuas.
Não jogaremos todos os games,
nem veremos os filmes todos.
Não há tempo para ler a fila de livros.
Amigos ficam de lado; amores, esquecidos.
Tudo se acessa fácil, pouco se aprecia.
Esquecemos das flores amarelas,
ou de qualquer coisa que o valha.

Tempos virtuais, contínuas perdas.
Perdemos as Torres Gêmeas.
Poucos ainda delas se lembram.
Mais as perdemos

em artes nelas inspiradas,
em poemas como este.
Tal o ar do nosso tempo:
só restarão perdas sobre perdas.
Ninguém nem liga pra isso.
Perdemos para lembrar?
Exit.
(No original grego da *Ilíada*,
qual a última palavra?)

2011-2022

FRANCISCO AURELIO RIBEIRO

Escritor e ensaísta. Presidente de Honra da AEL. Pertence à cadeira 6 da AEL

ALMA DE MESTRE, DE SAMUEL DUARTE

Samuel Duarte, grande amigo e um dos maiores ficcionistas de nosso estado, pede-me para ler seu mais recente livro, que diz ser o último de sua lavra, fazer-lhe uma Apresentação e dar uma sugestão sobre o título, visto estar em dúvida dentre três: “O Almirante batavo”, “Alma de mestre” e “Passou por aqui”. Segundo ele, seu livro fecha a trilogia “Um homem/uma mulher”, iniciada em 1966 com a obra “Ilha de fim de mar”, a que se seguiu “As duas faces de Eros”, iniciada em 1967 e só publicada em 2001. Além dessas narrativas, Samuel Duarte publicou, também, um livro de poemas, “O sino submerso”, em 1988; o romance “Nas montanhas da lua”, iniciado em 1982 e publicado em 2004 e o excelente livro de contos regionais “Taperas & coivaras”, de 2012. Além de ser um ficcionista de grandes méritos, dono de uma prosa madura e de um conhecimento linguístico que lhe permite a recriação da linguagem de seus personagens de forma coerente e realista, Samuel Duarte é um aficionado pela língua tupi e suas origens, tendo publicado “O Incalistrado – Topônimos Capixabas de Origem Tupi”, em 2008, obra que continua a ser revista e ampliada, para futura republicação.

Leio “O Almirante Batavo”, primeiro título escolhido por ele para sua “novela”, como diz, de um fôlego. Caio nas redes do velho pescador “Magó”, homem calejado pelas agruras que a vida lhe reservara e pela insana luta pela sobrevivência. Acompanho-lhe a vida, inicialmente pela fala de um narrador externo que inicia o primeiro capítulo da história com o instigante “Passou por aqui”. Pronto, está lançada a isca! Quem, como, quando, onde, por que “passou por aqui”? Como um peixe fogado pela boca, o leitor é aprisionado pelo olhar. E, lutando contra a prisão do anzol, vamos descobrin-

do as nuances do nosso pescador, a cada movimento do olhar, ao virar de cada página: velho de oitenta anos, taciturno, histórias misteriosas, uma mulher, um filho. Somos apresentados a três personagens misteriosos, ao contrabando de armas e de drogas e, pronto, estamos dentro da “Dioneia”, a velha baleeira, companheira e interlocutora de nosso protagonista. Como Jonas dentro da baleia, estamos presos no interior da barca, e é de dentro dela que passamos, então, a ouvir a história da vida do velho pescador contada por ele mesmo. E um novo “Auto da Barca”, do Inferno? do Purgatório? da Glória? é encenado diante do olhar atento do espectador ansioso pelo desenrolar da narrativa e por seu desfecho. Na longa fala do velho pescador Magó com sua interlocutora Dioneia, e, por extensão, com seu leitor preso na rede ficcional, vamos acompanhando sua vida desde a infância, filho de mãe cabocla e de um marinheiro francês naufrago em Piúma, sua juventude passada com Tiamaro, em Barra do Itapemirim, a experiência como marinheiro de primeira classe no “Bahia”, naufrágio, aposentadoria precoce e a volta à origem. O amor a uma única mulher e o filho gerado por esse encontro fortuito é o “riacho doce” dessa vida endurecida e salgada pelas agruras da vida. Breve instante, fugaz, cortado pela cruel realidade que, como nas tragédias gregas ou nos dramas burgueses, é recorrente na vida dos protagonistas. Passa, então, a vingança a ser a razão principal de sua vida, minuciosamente planejada em seus últimos anos de existência e, agora, compartilhada, pelo seu leitor.

Samuel Duarte assim me disse em carta manuscrita datada de 13/03 2014: “Aí vai minha última obra de ficção”. “No lo creo” teria dito seu personagem “Dom Ramón”, se tivesse sobrevivido para dizer alguma coisa. Com a mesma vitalidade com que Samuel Duarte chega aos oitenta anos, nadando um quilômetro no mar da Praia da Costa e caminhando cinco, diariamente, outras obras virão nas próximas décadas. Um bom escritor, como os bons vinhos, torna-se melhor com a experiência vivida. Ele lida com signos e com

significados e seu tonel de carvalho é a realidade apreendida em detalhes, nuances, sons, sentidos, que darão sabor a sua obra. Saber e sabor têm a mesma origem bem como texto e tecido. É do saber adquirido e transmitido pelo escritor, através de seu texto, tecido como uma rede de pescador, de sua habilidade para lidar com as palavras, frases e construções, que o autor fissa o leitor. “A palavra, que arranca o prosador de si mesmo e o lança no meio do mundo, devolve ao poeta, como um espelho, a sua própria imagem”. (J-P. Sartre. *Que é a literatura?*) Assim como Madame Bovary é Flaubert, Bentinho é Machado, Magó é Samuel, um velho pescador que conhece seu ofício, que sabe das armadilhas para sobreviver na cotidiana luta pela vida, nesse mar emborascado e nebuloso que é a existência.

Quanto ao título de sua obra, Samuel, voto por “Alma de mestre” por sugerir e dizer mais que “O Almirante batavo”. Alma de mestre é tanto a do seu personagem, alter ego do velho pescador fruto do seu imaginário, quanto a sua: um mestre em extrair da vida inventada a vida vivida, fruto de seu conhecimento, de sua experiência, do seu talento. É ainda ao velho Sartre que a atual geração, a do Facebook, talvez não leia mais, e que foi tão importante para a nossa, a quem recorro para fechar esta singela Apresentação de sua obra: “Mas uma vez que, para nós, um escrito é uma empreitada, uma vez que os escritores estão vivos, antes de morrerem, uma vez que pensamos ser preciso acertar em nossos livros e que, mesmo que mais tarde os séculos nos contradigam, isso não é motivo para nos refutarem por antecipação, uma vez que acreditamos que o escritor deve engajar-se inteiramente nas suas obras, e não como uma passividade abjeta, colocando em primeiro plano os seus vícios, as suas desventuras e as suas fraquezas, mas sim com uma vontade decidida, como uma escolha, com esse total empenho em viver que constitui cada um de nós – então convém retomar este problema desde o início e nos perguntamos, por nossa vez, *por que se escreve?*” (J-P. Sartre. Id. *ibid.*). E à pergunta com que termina o primeiro capítulo de sua obra, um clássico da teoria da lite-

ratura, escrito em 1948, sempre atual, o próprio Sartre responde, no capítulo II: “Um dos principais motivos da criação artística é certamente a necessidade de nos sentirmos essenciais em relação ao mundo”. Ou ainda: “Escrever é desvendar ao mundo e propô-lo como uma tarefa à generosidade do leitor”. Portanto, Samuel, o que nos resta, ao final da leitura desse envolvente romance, obra plena de maturidade linguística e vivencial de um escritor, é agradecer-lhe pela generosidade de nos ter aberto o mundo do seu velho pescador, como Hemingway o fizera com tanta acuidade e sabedoria em “O velho e o mar”, obra que o consagrou com o Nobel da Literatura. Não sei se o destino lhe reservará a mesma sorte, visto que nós, escritores capixabas, escrevemos para nós mesmos, mas me sinto impelido a repetir a frase que os gladiadores romanos diziam ao César, antes do combate final: “Morituri te salutant”. Estamos todos na mesma barca e o nosso destino final é o mesmo, comum a todos os mortais, o naufrágio. Seu “Alma de mestre” é uma metáfora dessa luta sem significado, mas que, contraditoriamente, é o próprio significado da vida.

ALMA DE MESTRE – UMA NOVELA

Nouvelle: (Larousse): *Composition littéraire entre le conte e le roman*.

Novela: (Houaiss) A mesma definição do Larousse, acrescentando: “e que se caracteriza por apresentar uma espécie de concentração temática em torno de um número restrito de personagens”.

Cremos, portanto, que o Autor não está errado ao classificar *Alma de Mestre* como uma novela. Este trabalho, somado aos romances, *Ilha de Fim de Mar* (1966) e *As Duas Faces de Eros* (2001), completa a trilogia *Um Homem/Uma Mulher*. O autor também encerra com ele a sua carreira de ficcionista.

Nesta novela, ao contrário dos dois primeiros romances

da trilogia, o protagonista principal não é um homem culto e educado: é apenas um velho pescador de poucos amigos e pouquíssimas palavras. Somente abre seu coração, no final da vida, para sua baleeira *Dioneia*. É através deste monólogo pungente, vazado em um palavreado consentâneo com a sua origem e as peripécias por ele vividas, que o Leitor, (como salientou o ilustre prefaciador) é fogado como um peixe e, quando menos espera, está embarcado na *Dioneia*, acompanhando o personagem em sua última saída e conhecendo a vida sofrida de um homem envelhecido pela dureza do Mar e pelas agruras da Vida.

A obra suscita indagações não respondidas pelo Autor. Assim como a personagem de *24 Horas na Vida de uma Mulher*, de Stefan Zweig (1881-1942), jamais entendeu o porquê de sua paixão súbita por um desconhecido, ele também jamais entendeu o que terá levado uma jovem culta e religiosa a se apaixonar por um homem grosseiro e pobre. Ele considerou como plausíveis, tanto o remorso do desembargador de *As Duas Faces de Eros* quanto o desespero do Fernando de *Ilha de Fim de Mar* ao sentir-se abandonado por Nancy; entendeu até a sede de vingança do pescador de *Alma de Mestre*. Porém, como não consegue explicar os mistérios da alma feminina, a Elena de *As Duas Faces de Eros* e a Mulher de *Alma de Mestre* desempenham apenas papéis de coadjuvantes em sua ficção. Ele evita até a dar um nome a esta última personagem: ela perpassa por esta novela de maneira fugaz e misteriosa.

Spinoza, em “Definição das Paixões”, na sua *Ética*, preceitua: “A Vingança é o desejo que nos incita a fazer o mal por ódio recíproco a quem, possuindo o mesmo sentimento ao nosso respeito, nos causou dano”. No caso em tela, o “dano” foi a morte do filho do Pescador, atingindo-o em seu ponto mais sensível, aquele onde ele guardava a recordação da Mulher e o romance que haviam vivido em um dado verão. O mesmo Spinoza denomina “Obsessão” a incapacidade de um homem governar suas paixões; e poderia fazê-lo, ele, um ho-

mem ignorante e violento? Sua vingança, longamente urdida e esperada, lembra aquela de Süß (personagem de Lion Feuchtwanger, 1884-1958) em *O Judeu Süß*. Apenas, enquanto a do judeu foi baseada em tricas palacianas que levaram seu inimigo a sucumbir vítima de uma civilizadíssima apoplexia, a do nosso pescador foi de uma violência inaudita.

Seremos nós, segundo o genial polidor de lentes, apenas joguetes das Paixões Humanas? Teremos alguma real capacidade de governá-las, ou de suprimi-las? Estariam, os mais bem dotados intelectualmente, mais imunes a elas ou com maior poder de controlá-las? Esta tarefa ingente o Autor tentou resolver com os seus parcos conhecimentos da Alma Humana. Se o conseguiu, somente os seus leitores poderão dizê-lo.

GRAÇA NEVES

Musicista e escritora. Pertence à cadeira 23 da AEL.

O SONHO À REALIDADE!

A certa altura de minha vida, tocada por uma fé sem limite, ainda em plena juventude, a minha cabeça se pôs a murmurar uma única ideia, fundar uma Escola de Música no Espírito Santo. No início parecia ser um sonho! O sonho de viver no mundo da música erudita, já que foi essa a minha escolha dentre todas as artes que tive oportunidade de vivenciar. A música em mim sempre bateu mais forte, e meu desejo era o de me tornar conhecida e profissional nessa área.

Eu herdei de minha mãe o ideal de ser professora, e revivendo um tempo único, o meu pai, embora um homem sem grandes estudos, tinha a sabedoria do espírito, uma sensibilidade inestimável. Um homem além de seu tempo! Ele tinha paixão por música, tanto que em 1949 comprou um piano, diretamente da Alemanha, marca Grotrian Steinweg, que se encontra até os dias de hoje no seio da família. Uma coisa extraordinária em nossa infância é que havia em nossa casa uma vitrola, e papai colocava discos de óperas para a filharada ouvir, motivado pelo padre Benedito, muito amigo da família. Eu reconheço a sensibilidade de nosso pai, e o estímulo de nossa mãe, que conduziu os onze filhos a estudarem música.

Eu comecei a estudar música aos 7 anos de idade e com 10 anos prestei vestibular para a EMES – Escola de Música do Espírito Santo, ingressando na classe de dona Ricardina Stamato da Fonseca e Castro. Eu terminei o curso preparatório e cursava o Superior de Piano, quando fui surpreendida com a informação que o Curso Superior da Escola não era autorizado e nem reconhecido pelo Conselho Federal de Educação. O que legalmente não daria direito para expedir diploma de conclusão. Eu necessitava, sem

dúvida, obter o diploma para me profissionalizar e, refletindo com meus pais, só teria uma saída... partir para outro estado; mas que demandaria um grande esforço de minha parte e da situação financeira deles. Realizar o meu sonho em servir à sociedade, tornando-me útil na vida musical capixaba, continuava sendo o meu desejo. E naquele momento, eu teria que caminhar e olhar em frente, com coragem e determinação.

E assim foi, decidi ir para o Rio de Janeiro, atrás dos meus diplomas. Iniciou-se então a luta, no ir e vir, de Vitória ao Rio, todas às segundas-feiras, no ano de 1968 com viagens nos ônibus da Viação Itapemirim, chamado Curiango (semileito). Eu me preparava para o vestibular da Escola de Música da UFRJ, recebendo aulas com os professores Arnaldo Estrela, de piano, e Ester Scliar, de percepção musical (dois gigantes da música erudita, sendo os mais famosos professores na época, do contexto pedagógico musical). Viajei um ano e meio, enfrentando muitos desafios! Não foi fácil para uma jovem de dezenove anos, ter que enfrentar as estradas perigosas, a rodoviária do Rio, tremendamente mal frequentada, e cada vez mais o cansaço batia à minha porta. No segundo semestre de 1969, apoiada pelos meus pais, resolvi morar definitivamente no Rio, eu precisava conviver com a vida musical de lá! Não foi fácil o tempo que passei longe de casa, sendo a sétima de onze filhos, às vezes, me batia uma solidão parecendo infundável! Eu lutava a cada dia, me dedicando profundamente aos estudos, tentando me igualar aos outros estudantes mais amadurecidos, e sempre no desejo de voltar às origens com bagagem cultural, para fundar a tão sonhada Escola de Música.

Foram anos de desafios até chegar aos diplomas, conquista após conquista e com eles em mãos, e todas as etapas vencidas... era chegada a hora da decisão, me sentia preparada para voltar! E então, aconteceu o esperado retorno em terras capixabas, e o início de uma nova vida. Tudo

aconteceu de maneira equilibrada, do sonho à realização. No terreno ao lado da casa de meus pais, foi construída a Escola com uma estrutura pequena, idealizada por mim e executada financeiramente pelo meu pai. Foi tudo pensado; o logotipo e a certeza do nome – Villa-Lobos – como patrono do Centro Musical, compositor brasileiro conhecido por todos os cantos do mundo. Foi então instalado e registrado em setembro de 1973, o CENTRO MUSICAL VILLA-LOBOS.

E, durante trinta e cinco anos, abrigou mais de 15.000 mil alunos no melhor bairro de Vitória, a Praia do Canto, e com o passar dos anos, se inseriu como forte presença no desenvolvimento da cultura capixaba. Formamos gerações e gerações de músicos, organizamos dez edições do Concurso Nacional Villa-Lobos, Semanas Nacionais de Música Brasileira, Festivais Nacionais, Seminários, Concertos Internacionais, Master Class, Intercâmbios Culturais e muitos outros, que foram sendo realizados durante as várias décadas, como as apresentações dos alunos da Escola.

As nossas propostas foram pautadas por ter uma Escola viva, legalizada e com objetivos de convivência com a música de qualidade, plena de valores artísticos. Os nossos estudantes alçaram altos voos e alcançaram grandes centros e muitos foram parar além fronteiras, em países da Europa e nos Estados Unidos. Foi muito bom, enquanto durou... Um projeto que se manteve por longos anos, numa parceria de coragem e dedicação, formando uma ponte entre o cultural e o educacional, num colóquio pedagógico aliado ao saber e ao espírito!

Não havia mais como voltar na curva do tempo! Tornara-se insano, persistir em manter o nosso Centro Musical nos padrões tradicionais, e na contramão dos anseios da sociedade moderna. A evolução tecnológica surgia a cada dia, mais e mais veloz. Estava impossível concorrer com as formalidades da música erudita, e sentimos que era chegada a hora de parar! Sonhamos muito e somos conscientes e

orgulhosos de nossa luta e de nossas realizações. Nós vivemos e transmitimos momentos importantes e únicos, porém só nos resta registrar os nossos feitos como exemplos para as futuras gerações; e hoje, simplesmente navegamos nas nossas recordações e nos sonhos de um tempo passado...!

ÍTALO CAMPOS

Psicanalista e poeta. Pertence à cadeira 31 da AEL.

***O AUTOR DO CRIME PERVERSO,* de Marie-Laure Susini**

(Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2006)

Um livro pode mudar a vida de uma pessoa. Digo isso por experiência própria e por depoimento de outros leitores. Os efeitos que a leitura promove são vistos, de maneira particular, na perspectiva de interesses, nos valores e na visão de mundo. Penso especialmente na literatura, nos clássicos como Sófocles, Platão, e nos modernos como Freud, Machado de Assis, Ítalo Calvino, Fernando Pessoa, Guimarães Rosa e tantos outros.

Pretendo, no entanto, comentar o ensaio de Marie-Laure Susini (Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2006), intitulado *O Autor do Crime Perverso*. Este é um desses livros que mexem profundamente com a gente, promovendo um turbilhão de reflexões a respeito da natureza humana. Durante dez anos a autora ocupou um lugar diferenciado numa instituição fechada para tratamento de criminosos perigosos, exercendo a função de psicanalista. Produto de uma intensa pesquisa bibliográfica, documental e clínica para uma tese acadêmica, o estudo resultou em um livro curioso e instigante, pois que a narrativa flui de maneira bela e poética.

São pesquisados, analisados e relatados os mais famosos crimes individuais da história ocidental, os crimes hediondos, o serial killer. São apresentadas as histórias dos crimes e de criminosos como Landru, Gilles de Rais, amigo de Joana D'Arc, de Jack, o estripador, de Firmino, o incendiário, do Marquês de Sade, para citar apenas alguns. Nesta análise, as histórias do criminoso e do crime se entrecruzam, se comunicam, fazendo faces. Como numa encenação dramática, no crime perverso o autor, o ator e o diretor são o mesmo.

Faltaria a plateia, numa aproximação com o teatro. A monstruosidade do crime revela a inevitabilidade de um destino já escrito e que só é possível de ser lido, nitidamente, *a posteriori*. O *serial killer* é aquele que faz, repetidas vezes, o ato perverso com desmedida crueldade, deixando rastros, marcas e provas para virem a público, e com isso demanda a presença positiva da lei. Às vezes essa série é estancada da primeira vez; outras não, o que nos faz pensar na questão da impunidade e da aplicação da justiça. Na verdade, o autor do crime perverso pede a intervenção da lei, mas não se arrepende de seus crimes, não revela nenhum remorso e nem clama por piedade. Esses autores do crime perverso desejam o reconhecimento público? Sim, desejam, mesmo que em forma de horror, mesmo que este reconhecimento aconteça em forma de condenação e escárnio. Esta atração do público pelos feitos criminosos faz fechar o circuito necessário ao ato perverso: o autor, o crime, o público. O público é parte integrante e necessária no cenário do crime perverso.

Em que essa leitura contribui para refletir sobre os acontecimentos trágicos cada vez mais frequentes, nos dias atuais, presentes na mídia? Vale perguntar se não há, para cada um que faz parte desse público, algo da ordem do inconsciente. Vale perguntar quais as implicações da sociedade que assiste às histórias de horror. Às vezes, como nos mostra o livro, os atos perversos mobilizam elementos catárticos que deixam multidões admiradas por este espetáculo mórbido. Que fascínio é esse que exerce o criminoso do crime perverso sobre nós, aparentemente normais, que nos atrai e nos torna seus cúmplices? A autora, através da narrativa límpida, contextualizada, vai nos apresentando o labiríntico e obscuro caminho do desejo e do inconsciente presentes nestes atos. Seu fio de Ariadne são os conceitos psicanalíticos, não para uma explicação reducionista, mas como uma tentativa de reconstrução lógica da escritura inconsciente apresentada na realização do crime perverso. Os relatos são recheados da paisagem social da época, dos costumes, dos valores, das re-

gras de cada comunidade onde esses crimes perversos ocorreram.

O fetiche e a repetição, o real e a realidade, a ficção e a encenação são aspectos da vida humana, em sua dimensão particular e coletiva, apresentados nesta obra assim como a crueza indiscutível do ato do crime perverso. Como nos diz a autora: “ *O autor do crime perverso, autor de um crime, é, antes de mais nada, autor e criador de um espetáculo pouco comum, montado e representado em nossa intenção. Por isso é que no mundo da mídia contemporânea ele prolifera, ao ponto de se tornar uma das vedetes de nossa sociedade do espetáculo*”.

UM SERTANEJO E SEU UNIVERSO FANTÁSTICO

Palestra proferida na Academia de Letras de Vila Velha, em julho de 2022.

A verdade só pode ser dita nas malhas da ficção.
Jacques Lacan

Era o ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1910. Benedita Cipriano Gomes com 7 anos, nascida ali na fazenda Mozondó no município de Pirenópolis, apresentou uma doença estranha e desconhecida. Em estado comatoso, e já dada como morta, amigos preparavam a extrema-unção e o banho de defunto quando alguns familiares notaram que o corpo de Benedita, chamada de Dica, retomara o calor, sua respiração tornara-se nítida e apresentava um suor frio. Resolveram encompridar o velório e no terceiro dia Dica estava recuperada. Milagre! Milagre! Pouco tempo depois esta voz ecoou pela região e iniciou-se uma peregrinação à casa de Dica para pedir sua benção e orientação. Mocinha, já estabelecia regras e comandava uma legião de mais de quinze

mil pessoas em torno da sua comunidade. Fazia curas, rezava missas, pregava a igualdade, a abolição dos impostos e a distribuição de terras que, para ela, era propriedade exclusiva do Criador, dado a todos os homens e mulheres o direito de explorá-la e produzir todos os alimentos. Sua fazenda estranhamente não tinha cerca, nestas atitudes libertárias ela pregava a autonomia do cidadão, da população e, coerentemente, distribuía a produção de sua propriedade para toda a comunidade..

Contrariando os coronéis, grandes proprietários de terras, que temiam o aparecimento de um novo Canudos, acionaram as autoridades de Pirenópolis para conter as suas ações. Estas se declararam impotentes e buscaram a participação da força policial do Estado. Em 10 de outubro de 1925 uma guerra chamada Dia do Fogo aconteceu no sítio Mozon-dó. As forças policiais, com fazendeiros e jagunços, cerca de 79 homens, se dirigiram à fazenda para prender Dica e seus seguidores. Sorrateiramente ocuparam os pontos estratégicos do povoado mas não conseguiram prender a Santa Dica. Balas que se resvalavam pelo corpo da Dica, outras se alojavam no seu cabelo, uma sucuri protegia o caminho da sua casa, são histórias que se contam deste evento. Dica foi presa após alguns dias ao se apresentar no fórum de Pirenópolis e levada para Goiânia, e libertada pouco tempo depois, resultado da pressão da população e por falta de provas concretas de algum crime e inteligente defesa. Santa Dica, mais tarde, formou um batalhão de 400 homens, sendo ela designada e nomeada cabo do exército nacional, anos depois recebeu a patente de Capitão. Participou da Revolução Constitucionalista de 1932, indo guerrear em São Paulo com uma tropa de 150 homens, voltando sem nenhuma baixa. Dica morreu em 9 de novembro de 1970 e está enterrada em Lagolândia, distrito de Pirenópolis, onde nasceu.

A poucos quilômetros dali, na fazenda Morro Grande, dentro do município de Corumbá, em 1915, nascia José J. Veiga, apenas cinco anos mais novo do que a Benedita, cha-

mada ainda viva de Santa Dica. Se ela e José Veiga não foram amigos mas certamente se conheciam e comungavam do mesmo ambiente rústico, místico e religioso do interior de Goiás. A 150 km em linha reta de Corumbá encontra-se Uruaçu, cidade onde nasci. Isolada dos centros urbanos e decisórios, esta região do Brasil profundo gerou pessoas duras, resistentes, com universo sensível povoado por mitos herdados especialmente dos povos originários, dos negros escravizados e outros.

Uma cosmogonia própria, rica, abundante e, ainda hoje, conservada, faz de Goiás uma referência de escritores de literatura regionalista com doses de realismo fantástico ou, como outros chamam, realismo mágico. São escritores sensíveis à secura do planalto, onde de repente o insólito e o improvável acontecem.

Freud, o pai da psicanálise, foi um grande escritor, criando os textos psicanalíticos e, por isso, foi merecedor do prêmio Goethe de literatura. Além disso, creditava os artistas como precursores em anunciar a existência do inconsciente em suas obras pictóricas, esculturais, estatutárias e principalmente na literatura. Nesta, encontrava também um modo de validar, de exemplificar suas teorias como o Édipo de Sófocles. Dizia com grande modéstia que pelo caminho que ele trilhava com enorme trabalho e dificuldade o artista já tinha passado. Em carta endereçada ao escritor e médico Arthur Schnitzler, que havia enviado os cumprimentos pelo seu aniversário, escreve: “muitas vezes me perguntei com perplexidade de onde o senhor poderia ter retirado este ou aquele conhecimento secreto, que eu havia adquirido através de laboriosas investigações”. A admiração e reconhecimento que Freud tem com a arte e literatura é demonstrada em seus trabalhos que tratam de arte, literatura e estética.

Relaciono, cronologicamente, a seguir, as obras, ou parte delas, escritas por Freud em correspondência e artigos: Em 1897, sobre Édipo Rei e Hamlet, numa carta a Fliess; Em 1898 A Juíza em carta a Fliess; Em 1898 A Interpretação de

Sonhos; Em 1900, sobre Édipo Rei e Hamlet; Em 1905 Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente e Tipos Psicopáticos no Palco; Em 1906 Delírios e Sonhos na 'Gradiva' de Jensen; Em 1907, Contribuição a um Questionário sobre Leitura; Em 1907, Escritores Criativos e Devaneios; Em 1910 Sobre o Sentido Antiético das Palavras Primitivas; Em 1910 Uma lembrança Infantil de Leonardo da Vinci; Em 1913 O Tema dos Três Cofres; Em 1913 As Reivindicações da Psicanálise ao Interesse Científico; Em 1914 O Moisés de Michelangelo; Em 1915 Sobre a Transitoriedade; Em 1916 Alguns Tipos de Caráter Encontrados no Trabalho Psicanalítico; Em 1917 Uma Recordação Infantil; Em 1919, O Sinistro; Em 1927, Pós-escrito a O Moisés de Michelangelo; Em 1927, O Humor; Ainda em 1927, Dostoievski e o Parricídio; Em 1929, Carta e Reik sobre Dostoievski; Em 1930, O Prêmio Goethe; Em 1933, Prefácio a Edgar Allan Poe de Marie Bonaparte; Em 1935, Carta a Tomas Mann (Pelo seu 60º aniversário). Nesta carta Freud chama a atenção para responsabilidade do escritor afirmando: "As palavras dos escritores são ações".

Um bom texto para esse ângulo de leitura e sobre a escrita é o artigo O Poeta e o Fantasiar, de 1907/8. Este se inicia com a inquietação do Cardeal d'Este de Ippolito perguntando ao seu protetor, o poeta Ariosto (1474-1533), autor de *Orlando Furioso*, como ele conseguia despertar nos leitores tanta emoção que não se supunha jamais sentir? Neste texto, diz Freud que a raiz da produção poética está na infância, nas brincadeiras de criança. O poeta é aquele que não mais brinca, mas sim fantasia. A fantasia, necessária para a criação artística, é o substituto do brincar.

Tanto a literatura como a psicanálise trabalham tanto com a linguagem como com os conteúdos complexos, obscuros da alma humana e suas angústias. O poeta e o psicanalista traçam os contornos em torno de formas desconhecidas, dando existência ao *Unbewusst*, o insabido, o Inconsciente. "Lunáticos, amantes e poetas são iguais em sua imaginação" disse Shakespeare. Embora os poetas e escritores sejam consi-

derados como antenas sensíveis do universo, Freud considerava que esta possibilidade está para todas as pessoas “Somos poetas, e só com o último homem morrerá o último poeta”, escreveu Freud em seu texto *Escritores criativos e devaneios*.

A escrita criativa de José J. Veiga ilustra para nós leitores, ou melhor, provoca em nós leitores, uma fruição estética produzida pela liberação de certos conteúdos inconscientes, fantasias recalçadas, que estavam aprisionados pela lógica consciente, cartesiana, racionalizadora. Sua obra também traz conteúdos políticos sociológicos e críticas à modernidade desumanizadora, que transforma o homem em mais um objeto de uso.

Recorrendo à internet: (10 livros de José J. Veiga para ter na estante. By Douglas Eralldo – fevereiro, 27, 2017), trago, esperando a paciência de vocês, o título e assunto de alguns de seus livros.

1 – *A Hora dos Ruminantes*: Considerado o romance mais importante do autor, *A hora dos ruminantes* conta a história da pequena cidade de Manarairema, que vê a sua rotina alterada por acontecimentos inexplicáveis. Primeiro uma legião de homens, de procedência desconhecida, decide acampar na cidade. Os moradores, temendo represálias e com medo dos visitantes misteriosos, passam a especular sobre a intenção do grupo...

2 – *O Risonho Cavalo do Príncipe*: Neste livro, Veiga coloca seus personagens – e nós leitores – em situações curiosas, que nitidamente imaginamos e visualizamos como se tivéssemos diante dos olhos, no cinema ou na TV, uma das mirabolantes aventuras de Indiana Jones...

3 – *O Trono no Morro*: Um bandoleiro se torna o líder de um estranho reino, onde o inesperado pode acontecer a qualquer momento. Neste livro, o interior do Brasil é o pano de fundo das narrativas envolventes e humanas do autor...

4 – *Os Cavalinhos de Platiplanto*: O conto que dá título ao livro serve como síntese da obra, como aponta o escritor Silviano Santiago no prefácio desta edição. Para ele, a obra

“consegue equilibrar a violência que domina o mundo real com a nostalgia do paraíso que se perdeu, somando à saudade do passado a realização do desejo”. As dificuldades da vida adulta percorrem todo o universo narrativo do livro...

5 – *Torvelinho Dia e Noite*: Torvelinho já não é a mesma, parece uma cidade grande; todos têm de se posicionar a respeito do ‘progresso forçado’ que se instala. A história se desenvolve, de emoções em emoções, até seu desfecho. Apenas uma pergunta é deixada no ar – de que lado estão os fantasmas?.

6 – *Os Melhores Contos de José J. Veiga*: A sua obra de ficcionista está povoada por fantasmas bonachões, nada fantasmagóricos (no sentido usual do termo), mais capazes de encantar do que assustar, objetos que se humanizam, mas também de casos de horror, mistério, sobrenatural, estranhos, por vezes terríveis, quase sempre com um sentido de alegoria...

7 – *Sombras de Reis Barbudos*: ‘Os urubus ainda não estavam em nossos telhados, mas as sombras deles estavam. Os primeiros chegavam logo depois do sol, e pelo meio-dia o céu ficava coalhado deles, as sombras caindo vertical nas ruas, nos muros, nos gramados, em toda parte aquelas cruces negras volteando sobre nossas cabeças’...

8 – *Os Pecados da Tribo*: ‘A experiência de vida que a leitura de ‘Os Pecados da Tribo’ nos proporcionará contém lições que enriquecerão nossa capacidade de ver e sentir, de analisar e, tendo sorte, sonhar. E é sonhando que o homem recria o mundo’...

9 – *O Professor Burrim e as Quatro Calamidades*: Vida de professor não é moleza. O professor Burrim não sabe mais o que fazer para que os alunos prestem atenção nas aulas de português...

10 – *O Relógio Belisário*: Um relógio encantado, que conta histórias em imagens. Um menino sem família, que tem o poder de captar as imagens do relógio.

Freud escreve em 1919 no artigo *Das unheimliche*.

Esta palavra, após a publicação de Freud, expande a sua significação e se torna além de uma palavra um conceito. De difícil tradução em francês, por exemplo, foi traduzida por Inquietante Familiar. Outro traduziu por Inquietante Estrangeiro e Inquietante somente. Em espanhol foi traduzido por Sinistro, Ominoso, em italiano O Perturbante e em português na publicação da primeira coleção freudiana, foi traduzida por O Estranho e atualmente, na publicação da Companhia das Letras, foi traduzida como O Inquietante, e na edição da editora Autêntica como Infamiliar. Termo e conceito de complexidade tal que aparecem sempre novas traduções/interpretações. Embora fiéis ao original, nenhuma tradução é perfeita. O Un em alemão significa, partícula de negação, enquanto heimliche significa partes conhecidas, íntimas, sensíveis, familiares, ou conhecidas. Assim a “ambiguidade” presente já no título do ensaio de Freud para descrever o processo psíquico presente em determinado evento em alguma experiência de qualquer ser humano neurótico é o estranhamento, a inquietação, diante de algo, ao mesmo tempo novo e antigo, conhecido e desconhecido, estranho e familiar. Infamiliar é aquilo que nos provoca angústia e horror, é tudo que deveria permanecer escondido, oculto e, de repente, vem à tona. Como outros grandes escritores e filósofos como Schopenhauer, Freud transforma o adjetivo em substantivos, modifica o uso de adjetivos e advérbios em um trabalho importante com a linguagem. Assim se vê no exaustivo trabalho filológico-lexical que Freud realiza no início do artigo citado. Mais do que linguista, ciência que viria a se desenvolver e firmar anos mais tarde com Saussure, ou filósofo, que o autor não desejava ser, ele queria confirmar ou comprovar a divisão psíquica, a existência de um outro território além da consciência. Assim também era seu propósito no artigo Sobre o Sentido Antitético das Palavras. Como nos dizem Gilson Iannini e Pedro Heliodoro Tavares no texto Freud e o Infamiliar, um dos capítulos do livro da editora Autêntica, chamado justamente O Infamiliar, referem-se ao

texto de Freud: “Este texto que o leitor tem diante de si é uma das mais ricas demonstrações de como a psicanálise opera com sua mais fundamental ferramenta: a língua cotidiana, com suas camadas e sua história. Aqui Freud demonstra de modo inequívoco como se entrelaçam na própria escrita os registros teóricos e estéticos, como a linguagem científica e literária se interpenetram, ou ainda como o vivido e o fantasiado tecem relações complexas”.

Freud, com sua formação médica, desejava que suas descobertas em psicanálise se situassem no campo das ciências para depois descobrir que estas rejeitavam, desprezavam, justamente o que ele descobria, verificava e teorizava a partir da sua clínica, o inconsciente. Na filosofia ele também não encontrou ressonâncias, mostrando uma distinção epistemológica da psicanálise com outros saberes. No entanto o diálogo, a troca, importante se faz entre a psicanálise e a matemática, com os novos conhecimentos como a topologia e a linguística, a história, a lógica e com a antiga aliada, a literatura e as artes em geral.

No ensaio *Unheimliche* (Infamiliar) Freud recorre a uma novela para ilustração do fenômeno que ocorre no aparelho psíquico. O internauta Lucas Furlan, formado em Comunicação Social, resumiu assim a novela utilizada por Freud *O Homem da areia*, publicada em 1816.

Nela, E.T.A. Hoffmann (Ernst Theodor Amadeus Hoffman) narra a crescente insanidade do personagem Natanael, graças ao seu medo da figura folclórica do Homem da Areia (*Der Sandmann*, no original alemão). Em uma versão da lenda, ele é apenas o responsável por jogar um pouco de areia nos olhos das pessoas, fazendo com que elas fiquem com sono e adormeçam; em outra, ele é um ser maligno que arranca os olhos das crianças que não querem dormir, e as leva para servir de alimento para a sua família que vive na lua. É esta segunda versão que Natanael, ainda criança, ouve de sua babá.

O pavor que o garoto sente do Homem da areia aumen-

ta quando ele começa a acreditar que a criatura está convivendo com sua família, disfarçada como o advogado Coppelius. Depois que uma tragédia acontece, Natanael passa a ter certeza que O Homem da Areia/Coppelius tem como objetivo impedir sua felicidade. Essa ideia ganha força quando o protagonista, já crescido e estudando fora, reconhece seu inimigo usando outra identidade. Em *O Homem da areia*, Hoffmann trabalha com temas caros ao Romantismo, como o conflito entre loucura (representada através de Natanael) e razão (personificada em Clara, a noiva do protagonista), e paixões fulminantes e proibidas. Mas a história, ao mesmo tempo, é muito original: ela começa como uma novela epistolar (ou seja, narrada através de cartas) e depois muda para um relato em terceira pessoa. O autor também insere um elemento inesperado, que se tornaria recorrente na ficção científica tempos depois. *O Homem da areia* não chega a dar medo, mas é uma leitura muito relevante e que se tornou extremamente influente com o passar dos anos.

Entre os admiradores de Hoffmann estão autores como Edgar Allan Poe, Dostoiévski, o brasileiro Álvares de Azevedo e até Sigmund Freud, que, como disse, utilizou o texto do autor alemão como referência para o seu ensaio “O Infamiliar”. No romance o horror, a incerteza que se apossa da criança Nathanael acontece quando o oculista ambulante G. Coppola lhe oferece óculos. Ele compra um binóculo para avistar o apartamento do professor Spalanzani, cuja bela filha é Olímpia sempre imóvel e misteriosa e objeto da paixão de Nathanael. Por aí continua a novela num intrincado desenvolvimento entre associações, condensações, deslocamentos, alucinações, interpretações, retorno do recalcado, que dão à novela seu caráter fantástico, infamiliar. Freud, textualmente destaca que o infamiliar da ficção, da criação literária é muito mais rico do que o infamiliar vivido já que neste abrange-se toda a totalidade e pode, com a liberdade literária, ser mais extensamente apresentado sem necessidade da prova de realidade. As vezes o bom texto literário nos faz reagir às suas

ficções tal como reagiríamos à nossas próprias vivências e quando nos damos conta já é tarde demais. Quanto frio na barriga, quanto estranhamento já me aconteceu com a literatura, ou com outras criações como o cinema e até mesmo um quadro, uma pintura.

A ideia de fantástico como uma literatura de fantasia está coerente com as afirmações da psicanálise, que dizem que nosso aparelho psíquico apresenta diferentes dimensões no acesso e na apreensão da realidade. Lacan as nomeou de Real, Simbólica e Imaginária. Aquilo da realidade que não é apreendido é ficcionalizado. Lacan considera a fantasia como uma escrita do real e esta enodura (faz nó) entre o desejo com a realidade, o imaginário com o simbólico. Portando a fantasia, ao mesmo tempo vela e desvela o real. Esconde e apresenta o desejo. A literatura do gênero fantástico produz movimentação do afeto de angústia possibilitando uma fruição estética. E abrindo caminhos para novas criações, dando passagem a conteúdos desconhecidos. Assim, os estudiosos apontam a aproximação do fantástico com o inconsciente. A condição para o nascimento da literatura fantástica está no iluminismo, que suplanta uma ideia teocêntrica do mundo, condições também que vão possibilitar a criação da psicanálise freudiana no início do século XX, incorporando os elementos desprezados pelo pensamento científico e cartesiano, os restos diurnos, os sonhos, os equívocos, os enganos, as desrealizações, a loucura e a desrealização de elementos que eram incluídos ou, mesmo matéria, da literatura fantástica.

A literatura fantástica, para os pesquisadores, se inicia no final do século XVIII na Inglaterra, quando o aristocrata e romancista Horace Walpole (1717-1797), lança em 1764 o livro *O Castelo de Otranto*, considerado pelos teóricos da literatura como o primeiro livro do gênero fantástico, ou pelo menos com as sementes deste gênero. O cenário é lúgubre e escuro de um Castelo medieval na Itália, povoado de entidades sobrenaturais da Idade Média, sem, no entanto, abandonar uma certa racionalidade já presente na Idade

Moderna. Dois outros livros em diferentes países publicados pouco tempo depois seguem e desenvolvem este gênero. O *Diabo Apaixonado*, do francês Jacques Cazzote (1719-1772), publicado em 1792, foi um grande marco neste gênero de literatura, explorando o “sobre natural”. O autor, monarquista, foi guilhotinado pela revolução de 89. Outro marco literário, considerado uma novela policial é *O Manuscrito Encontrado em Saragoza*, do polonês Jan Potocki (1761-1815), lançado em 1805, é considerado uma obra prima. Um romance picaresco, soturno, com cenas eróticas, policiais e rasgos filosóficos, enfim, muitas narrativas num único livro.

Especialistas ensinam que a literatura fantástica não se constitui num gênero autônomo, se misturando, se apresentando com outros gêneros com os quais pode se confundir. Ele se situa entre o maravilhoso e o estranho. O maravilhoso é considerado aquele em que o sobrenatural é aceito como real, e o estranho tem o seu conteúdo sobrenatural explicado. Estes estudiosos apontam a existência de subgêneros transitivos: estranho-puro, estranho-fantástico, fantástico-puro, fantástico-maravilhoso, maravilhoso-puro. No Brasil nosso manancial fantástico está no anedotário, nas lendas, no folclore, misturando e trançando elementos culturais europeus, africanos e indígenas, formando um universo, uma cosmologia específica que acho, a Semana de Arte Moderna acontecida em 1922 quis valorizar.

Fizemos uma aproximação da psicanálise com a literatura fantástica mas é importante destacar que são campos diferentes. Um de seus pontos de contato é a preocupação estética nos modos de sentir e pensar. O objetivo da psicanálise no meu entendimento não é apenas poético ou estético, mas sim ético. Ambos trabalham no campo da linguagem. Lacan, lendo Freud, deduz que o inconsciente é estruturado como linguagem. O advento da linguística, que aconteceu simultaneamente Freud, veio clarear o que este dizia a respeito da condensação, deslocamento, metáfora, metonímia e outros conceitos que a nova ciência nos ensinou para melhor

ler a psicanálise freudiana e os fenômenos psíquicos. Por tudo isso Lacan dedica todo um seminário para a obra de Joyce, o *Ulisses*. Neste seminário riquíssimo, Lacan mostra como a escrita estrutura J. Joyce. Esta força estruturante, reparadora e “curadora” da escrita já tinham sido identificadas por Freud em Goethe ao escrever a sua obra mundialmente conhecida: *Os Sofrimentos do jovem Werther*.

Quem me apresentou o grande escritor goiano, pois eu tinha lido apenas dois dos seus livros, foi o militante cultural, escritor e poeta, membro da Academia Goiana de Letras, Luiz de Aquino Alves Neto, que usa o nome artístico de Luiz de Aquino. É ele, o amigo a quem José J. Veiga deixou seu acervo e biblioteca para que dela fosse o guardião. Cumprindo a promessa o amigo perenizou o acervo de mais de mil e duzentos livros, incluindo em outros idiomas. Luiz Aquino conquistou um espaço exclusivo e apropriado no SESC-Goiânia, inaugurado em 2007 – Espaço José J. Veiga -, que está aberto à visitação, consulta e pesquisa. No Espaço se encontra um busto do autor e uma duplicata se encontra no espaço cultural Oscar Niemeyer em Goiânia. Luiz de Aquino foi o primeiro escritor goiano a utilizar o meio eletrônico para divulgação da arte literária com o blog: [HTTP://pena-poesiaporluizdeaquino.blogspot.com](http://pena-poesiaporluizdeaquino.blogspot.com). Senhor de múltiplas atividades, é jornalista, colaborando com vários jornais e revistas, assessor de imprensa de vários órgãos em Goiás. Ele nasceu nas águas quentes de Caldas Novas, talvez por isso tenha se graduado em Geografia pela PUC-Go. Este generoso conterrâneo foi minha fonte de informações dos aspectos curiosos e biográficos do José J. Veiga.

Ele nasceu José Veiga, vindo ao mundo no dia de Iemanjá do ano 1915, em pleno verão seco e quente do Centro-Oeste do Brasil. Seu primeiro choro para a vida aconteceu numa fazenda perto de Corumbá-Goiás ao lado da estrada que levava a Pirenópolis, Go-225, que hoje leva o seu nome: Rodovia Estadual José J. Veiga.

José J. Veiga era filho de Luis Pereira Veiga e de Maria

Marciana Jacinto Veiga. O pai o registrou com José Veiga. Ficou órfão de mãe muito cedo aos 12 anos indo com isso morar com parentes na capital do que era chamada Vila Boa de Goiás, hoje denominada Cidade de Goiás. Aos vinte anos vai para a capital federal o Rio de Janeiro, onde fez o curso de direito. Apesar de um pouco tímido e comedido faz amizades no meio literário e se prepara intelectualmente. Aos trinta anos de idade vai para Londres trabalhar como interprete na rádio BBC uma das mais importantes do ocidente por seu alcance e tradição, onde fica por cinco anos e retorna ao Rio de Janeiro, ingressando no jornalismo no ano de 1950. Publica seu primeiro livro *Cavalinhos de Platiplanto* em 1959, livro que havia ganhado o segundo lugar num concurso literário. Bem mais tarde, já amigo de João Guimarães Rosa, foi convencido por ele a adotar um nome cujo resultado apontado pela numerologia, antiga “ciência”, lhe traria bons agouros. Em seu estudo da numerologia Guimarães pegou os nomes completos dos pais e não aproveitou o Pereira do pai, nem o Jacinto da mãe e acrescentou apenas um J no nome do escritor e assim ficou. Talvez influenciado pelas superstições de Guimarães Rosa, ele passa a adotar os títulos dos seus livros preferencialmente com quatro palavras. Inusitado, como são as obras de Veiga, é como começou sua amizade com Guimarães. Conta-se que a amizade aconteceu não por motivos intelectuais ou literários, mas fantasticamente ao estilo veiguiano, por causa de um animal, o gato. Aracy esposa de Guimarães Rosa e Clérída, esposa de José J. Veiga tinham um veterinário comum. Certa feita, a Aracy procurou o veterinário que se encontrava doente e não podendo atender recomendou que ela procurasse a Clérída Veiga que tinha um bom conhecimento para cuidar deste animal. O gato da dona Aracy se salvou e a amizade entre o casal foi consolidada. Apesar de certa timidez do goiano passaram a se frequentar semanalmente e a dividir gatos e literatura. José J. Veiga é detentor do prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras e do prêmio Jabuti com o livro *De Jogos e Festas*

que contém três novelas e outros; Traduzido para vários idiomas, José J. Veiga escreveu dezenas de livros que ainda estão desconhecidos do grande público.

Veiga publicou mais de vinte títulos, além dos já citados antes, que foram objeto de estudos acadêmicos e que resultaram em dissertações e teses em diversas universidades pelo país afora, algumas encontráveis na internet. Um trabalho de pesquisa muito interessante e profícuo é o de Irene Severina Rezende, em sua tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo em 2008, cujo título é *O Fantástico no contexto sociocultural do século XX: José J. Veiga (Brasil) e Mia Couto (Moçambique)*. Um trabalho de fôlego publicado em mais de 241 páginas, afirma no seu momento de conclusão “...Mia Couto e J. J. Veiga assumem posições claras quanto ao que defendem: países livres de opressões, de guerras, de proibições e inseridos no mundo que detém as grandes decisões. Os dois optam por narrativas fantásticas, diferentes da narrativa trivial, e constroem suas histórias impregnadas de potencial filosófico e ideológico. Há em suas obras uma mostra do anseio das sociedades de cada época. Em J. J. Veiga, um jeito brejeiro do goiano e bem brasileiro de todos nós, mas de uma maneira universal; em Mia Couto, nas descrições originais, a presença do homem em suas relações umbilicais com a terra”.

A temática dos contos de José J. Veiga é a relação do sujeito com a realidade. A opressão provocada pelos modos e instrumentos da atualidade são metáforas sutis que o autor utiliza para falar da subjugação, da alienação a que, discreta ou explicitamente, nos submetemos. A introdução da modernidade destruindo os valores e modos até então vigentes. Os heróis dos seus contos, na maioria são anti-heróis que passam por processos, às vezes, penosos, para chegar à tomada de consciência e decisões. A realidade na sua literatura vai além da realidade sensível e observável, introduzindo motivações ocultas, elementos históricos conscientes ou inconscientes que influenciam no destino das pessoas e

por isto da comunidade que o cerca. Passagens bruscas, cenários que se modificam, descrições físicas detalhadas que colocam o leitor dentro do ambiente, uma trama bem elaborada e envolvente enquanto desliza o enredo fazendo com que o leitor fique agarrado ao texto, se faça também personagem literário na medida em que o autor vai mexendo suas varinhas (mágicas ou, chamamos estilo) particulares para colocar o leitor em outro nível de consciência. Até que ele, o leitor, se pegue surpreendido por algo em si mesmo que é aceito e praticado pelos personagens como também se identifica com aspectos renegados, recalcados em si próprios. Ao retirar o leitor da ilusão do comando da realidade concreta, ao demonstrar que seus próprios atos realizados, através dos personagens, fornecem ao lado de certo conforto psíquico um incremento no caminho da humanização e civilização. Interessante é destacar que muitos estudiosos têm discutido sobre o gênero literário produzido por este goiano. Apesar da extensa contribuição à literatura ficcional brasileira não há um consenso se seus livros seriam fantásticos, góticos, estranhos, maravilhosos, realismo ou apenas recheados de alegorias. Apesar desta questão que, acho puramente formal e acadêmica, a sua obra, em formato de novelas, contos, livros chamados infantis, e textos de consumo rápido como os jornalísticos, José J. Veiga revela, na sua capacidade e estilo em utilizar o ambiente, o ar, os elementos regionais e vivências infantis para trazer, refletir, apontar, denunciar, as grandes causas mundiais, os dramas humanos que acontecem e estão presentes em qualquer lugar do planeta. Utilizando de recursos da estrutura do sonho, da distorção onírica, do humor, da ironia, da paródia, prendendo o leitor, revela a sua habilidade de escritor. Tudo isso faz de José J. Veiga não apenas um grande escritor, mas um escritor atemporal e universal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Lacan, J.M. Outros Escritos – Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Ed., 2003 (Campo freudiano no Brasil)
Lacan, J.M. Escritos – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998
Campo freudiano no Brasil)
Freud, S. O Infamiliar e outros escritos. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2019 (Obras incompletas de Sigmund Freud).
Ibid Zahar Editores. O Estranho, Volume 17
Ibid Zahar Editores. O Prêmio Goethe, volume 21
Ibid Zahar Editores. Pronunciamento a Thomas Mann em prefácio a Vida e obras de E. Allan Poe: Uma interpretação psicanalítica de Marie Bonaparte.
Vicentini, Albertina – O Sertão e a Literatura – Revista Sociedade e Cultura, Jan-Jun 1998.

JONAS REIS

Jornalista e Escritor. Pertence à cadeira 4 da AEL.

DISCURSO DE SAUDAÇÃO A SÉRGIO ABOUDIB

Boa noite. Como é que a pessoa passa a vida inteira envolvida com atividades técnicas ou políticas e de repente vira imortal das letras? Eu vou contar agora para vocês.

E ao encerrar esta nossa conversa quero falar também sobre o que afinal seria essa tal imortalidade.

Senhora presidente da Academia, professora Ester Abreu Vieira de Oliveira, Senhor Presidente de Honra da Academia, professor Francisco Aurélio Ribeiro; Demais integrantes da Mesa, autoridades presentes, confradeiras e confrades, Senhoras e senhores, Caro confrade Sérgio Aboudib, dona Cristina e família.

Não é difícil dar as boas-vindas a alguém reconhecida-mente mestre na arte dos relacionamentos interpessoais.

Entre os muitos exemplos do acolhimento geral a Sérgio Aboudib temos a manifestação de vários municípios que o consideram filho da terra.

Embora nascido em Vitória e criado em Alfredo Chaves, além dessas cidades ele já foi agraciado com títulos de cidadania de: São Mateus, Mimoso do Sul, Ibirapu, Guarapari, Viana, Cariacica, Piúma, Alegre, Serra, Vila Velha, São José do Calçado, Marechal Floriano, Afonso Cláudio, Barra de São Francisco, Conceição do Castelo, Santa Teresa, Santa Maria de Jetibá, Aracruz, Atílio Vivacqua, São Gabriel da Palha... e não sei se esqueci algum.

Sérgio é advogado, formado em Direito pela Ufes.

No Poder Legislativo, trabalhou na Câmara Municipal de Vitória, na Assembleia e no Senado Federal.

No Executivo serviu ao Governo do Estado como Che-

fe de Gabinete do Governador e coordenador do gabinete integrado de segurança pública.

E de 2005 a 2009 foi secretário Chefe da Casa Civil.

Deixando o Governo, Serginho, como é chamado, ingressou neste Tribunal como conselheiro, tendo exercido a Presidência da Corte por três mandatos.

Aqui, atuou de forma decisiva tanto na modernização administrativa e tecnológica da Corte, quanto na recuperação da credibilidade do Tribunal como órgão de controle externo, auxiliar na fiscalização da legalidade, da legitimidade e da economicidade das contas públicas.

Entre as honrarias que Sérgio recebeu ao longo de sua vida pública destacam-se comendas e medalhas como a Comenda Domingos Martins, da Assembleia Legislativa, e a Medalha “Amigo da Marinha do Brasil”.

Sérgio é casado com dona Maria Cristina Pereira Vargas Pinto, há 40 anos. É pai do Lucas, do Rafael e da Luísa, e apaixonado avô do Ravi.

Além dessas paixões, tem outra: é exímio jogador de futebol de botão, tendo sido campeão brasileiro em 2008 e 2009, e campeão da Copa do Brasil em 2016 e 2019.

Quanto ao futebol de campo, torce pelo Flamengo, o que evidencia a máxima segundo a qual ninguém é perfeito.

Numa ensolarada manhã de agosto de 2023 eu caminhava no calçadão da Praia de Camburi quando vi o Sérgio vindo em sentido contrário.

Não se deve interromper alguém em seu exercício físico, mas ele vinha tão tranquilo que parei para cumprimentá-lo.

Sugeri que se candidatasse a uma vaga na Academia e ele arregalou os olhos de espanto.

Me encarou em silêncio durante algum tempo e depois, com voz calma e pausada, respondeu:

– Vosmecê é um irresponsável!

Sérgio nunca havia pensado nessa possibilidade, mas

continuamos a conversar.

Consultei outros integrantes da Academia e a reação a seu nome não poderia ter sido melhor.

Ele se convenceu, mas avisou que se houvesse na disputa algum nome mais apropriado, não concorreria.

E então se inscreveu no último dia do prazo. Mas antes que se passassem três meses do primeiro contato já estava eleito, imortalizando seu nome nas letras capixabas.

Mas quem é Sérgio Aboudib como autor?

Em 2013 Serginho havia comparecido ao lançamento de um livro meu, e a partir daí acompanhei à distância suas incursões pela literatura.

Sua autobiografia, que leva seu nome e foi escrita em parceria com a jornalista Lúcia Garcia, é modestamente descrita por ele como “um livro de casos”, mas na verdade registra, com sabor de literatura, um exemplo de vida e de exercício do poder político.

Sérgio fala de um período importante da política capixaba, conta experiências pessoais, inclusive sobre momentos difíceis em termos de saúde, e relata sua participação em casos ocorridos na época e que ganharam as manchetes dos jornais.

Também publicou o livro de crônicas e poesias *Penúltima versão*, este em parceria com nosso amigo comum Orlando Eller, ex-editor do jornal *A Gazeta*.

No livro, segundo o experiente jornalista Rubens Pontes, “Contos, crônicas, memórias e emoções se fundem e se cruzam para criar cenários, descrever fatos de hoje ou de outras eras e garimpar coisas e gentes vividas no real, experimentadas na alma e na pele, ou criadas pela fértil imaginação dos autores”.

Ele também participou de publicação com chancela do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, livro que analisava os 15 anos da Lei de Responsabilidade Fiscal.

Considerava aquela lei um marco na gestão pública do país, mas defendia a convocação de todos os brasileiros para

a execução de uma reforma daquele diploma legal, em prol da continuidade de seus benefícios ao Brasil.

Além dessas obras, Sérgio publicou livros infantis, o que me parece ser seu principal interesse como escritor.

São seus os títulos '*O elefante que queria ser bombeiro*', '*Olhos de Jabuticaba*' e '*Filomena, a folha que queria conhecer o mundo*'.

Entre seus personagens estão um burrinho que queria estudar; uma baleia brincalhona; um jacaré com dor de dente e outro que queria ser médico; e um passarinho que não sabia voar.

Ora, direis, escrever para crianças!

Mas a literatura infantil congrega critérios literários, sociais e pedagógicos e desempenha também importante papel na formação de novos leitores.

Alguns dos maiores escritores brasileiros transitam ou transitaram pela literatura infantil, como é o caso da poetisa mineira Henriqueta Lisboa, o caso de Raquel de Queiroz, Mário Quintana, Êrico Veríssimo, Cecília Meireles e Vinícius de Moraes, entre tantos.

Nesse gênero, que não pode ser considerado um gênero menor da literatura, é frequente ocorrer uma fuga das formas organizadas do mundo, e o sonho e a fantasia se instauram, subvertendo as regras do mundo racional.

E de repente a menina mergulha na toca do coelho branco e vive uma jornada encantada por terras maravilhosas; o menino de madeira ganha vida e agora é como nós humanos, com todos os nossos defeitos; Emília, uma boneca de pano, é falante e irreverente; e a vovozinha acaba na barriga do lobo mau, mas logo reaparece ilesa na história da menina de chapéu vermelho.

Portanto, Sérgio, ao escrever para crianças você está em boa companhia.

Ester Abreu, por exemplo, presidente de nossa Academia e com obras difundidas em vários países. Do alto de sua gama de especializações, mestrados, doutorados e longo ma-

gistério recentemente homenageado pela Ufes, ela escreveu livros infantis memoráveis como *O coelhinho e a onça* e *O lagarto medroso do jardim*, publicados em português e em espanhol.

Nós, confrades seus amigos, chamamos a Ester de Rainha, não só pela majestade de sua obra, mas porque ela vem da histórica Muqui, “a terra de reis”, como escreveu Luiz Guilherme Santos Neves, em referência ao folgado das folias daquela cidade.

Nas palavras do acadêmico e professor Francisco Aurélio Ribeiro, obras como essas de Ester Abreu certamente encontram leitores contemporâneos que, vivendo num mundo extremamente violento, tecnicista e desumano como o atual, encontrarão neles o sonho possível da convivência harmoniosa entre pessoas, animais e natureza.

Uma das funções da boa literatura, seja ela de que gênero for, é, como já se disse, ajudar as pessoas a entenderem a realidade – o que significa entender a si próprio, entender seu semelhante e entender o mundo à sua volta.

Nossos escritos têm de mudar algo na vida do leitor. Se alcançarmos esse objetivo teremos cumprido boa parte do nosso papel como autores.

Como escritores, talvez o maior erro que podemos cometer seja o de não buscarmos a essência das coisas.

Mas é preciso saber buscar.

E quanto a isso, confrade Matusalém Dias de Moura, Matsuo Bashô, o grande autor japonês da poesia haiku, ensinou: “Aprende sobre o pinheiro, diretamente do pinheiro; sobre o bambu, diretamente do bambu”.

Por fim, deixo com o amigo Sérgio duas concepções de nossa imortalidade.

A primeira, aquela que consta de nossos Estatutos: somos considerados imortais por nossa participação na imortalidade dos ideais que inspiraram a criação da Academia e que sustentam os objetivos de nossa organização.

A essa nobre concepção de nossa imortalidade, acres-

cento outra, que é minha, singela, pessoal:

Segundo ela, esteja o confrade consciente de que:

Os fragmentos de vida que alguém dá à luz escrevendo são como porções do autor, nacos de sua própria alma. O escritor espalha-se por aí, decompondo-se, como semeador que semeasse a si à margem do caminho. Ao fim da estrada, totalmente fatiado e espargido, dele nada terá sobrado, findo que se foi. Ficam as histórias paridas, os versos riscados, ainda que cravados numa existência, confinados a uma lembrança distante, à poeira de uma velha estante – ou invisíveis, na nuvem. Na noite longa e escura de esquecimento do autor, a obra imortal viverá no outro, e na luminescência do olhar leitor.

Eu ia terminar aqui, mas ao falar em caminho, me veio à lembrança episódio na vida de outro grande poeta e mestre japonês:

Certa vez, o monge andarilho Taneda Santôka foi abordado por um homem: “– Tu que és um monge zen. Onde está o caminho?”

A resposta do monge serve para o Sérgio, nesse novo início de caminhada, serve para o seu neto Ravi, em seus nove anos, e para Ester, em seus noventa, serve para mim, que continuo aprendiz, serve para qualquer pessoa neste auditório, em qualquer circunstância da vida: – Onde está o caminho? Foi a pergunta. E o mestre responde: “– O caminho está à frente; siga em frente, siga em frente”.

Muito obrigado.

Auditório do Tribunal de Contas do Estado, 21 de março de 2024.

JORGE ELIAS NETO

Médico cardiologista, poeta, ambientalista, pesquisador, cronista e ensaísta. Pertencente à cadeira 2 da AEL.

CAÍRAM AS FOLHAS

Caíram as folhas que vi
nascer quando parti

Não fui testemunha das aguadas
e da prenhez da terra que alimentaram

Apenas a meia-volta da memória
se despede, vez ou outra

E sigo na constância,
e os dias, sim, brotam

Mas sem as folhas,
Que, dispersas, me calçaram o egoísmo.

Vitória, 13 de janeiro de 2024

A LATERALIDADE DO VOO

A desventura ensina o possível do voo,
o caminho pela passagem estreita
onde transborda o vazio.

DO CASTO RETIRO DE UM POETA

Aos que enchem de óleo as trincheiras para rea-
cendê-las

Lembrem-se dos ossos de aluvião,
das marcas d'água da memória;
passos sem rumo de seus ancestrais,
da noite subindo ao céu
e os tons das cinzas
tingindo a história
com o desassossego humano.

Vitoria, 6 de janeiro de 2024

O ÚLTIMO

(Por que o último,
se existe o contínuo da expectativa?)

Os riscos ocupavam
todas as paredes do cômodo

Custava revirar os olhos e contá-los

(na verdade era impossível)

Havia espelhos dependurados,
nenhum espaço
para incluir um sonho
e uma possibilidade de saber do infinito

E naquele entorno,
que era (parte) eternidade,
se despejava o desejo humano

(Um jeito singular de saber criar histórias
e de ignorar que do início ao fim
existe um beiral de angústias
e um insaciável vontade)

Daí o último como um marco aleatório,
uma porta para o vazio,
uma borracha a recriar espaço,
liberando um “sendero” de luz,
uma passagem.

A ESCRITA É UMA LIGA DE SANIDADE

Muitos diriam para não fazer
estes malabarismos de palavras sem sentido

Diriam que a seta é a cura
para a obtusa tortuosidade do nômade

Mas buscar o visgo na ressurreição diária
faz lampejar os olhos

O Eu triturado renasce,
não sóbrio, pois a vida não permite

Talvez embriagado por uma certa beleza
que consiste na insistência

De perfilar olhares tristes
e distribuir sementes.
O LUGAR DE IDA

A queda silencia o grito da sombra,
a recobre com a certeza

(Finalmente a unicidade)

Nada de prudência
sob o fustigante Sol.

Vitória, 15 de janeiro de 2024

SOUL

Só posso afirmar que sou o vento,
o conforto, a ilusão

Mas cesso com o suspiro
da primeira face que atinjo

Não sei retornar à boca de Deus,
me derramo antes

Dissolvo brumas,
sussurro silêncios

Converso com os atentos,
deixo um mimo, um novo conceito de tempo

Permito-me o desperdício
lambendo as chamas

Beiro muros infinitos
buscando sobreviventes

Deixo rastilhos na areia,
brinco de transitoriedade

E percorro os céus
em busca da fantasia das asas.

Vitoria, 20 de janeiro de 2024

MONÓLOGO A DOIS

Falo a história dos dias,
assim, despercebido,

entoando versos
que não ecoam mais o assombro da beleza

Perto de mim há um anjo que me entende,
e chutamos pedras

As luzes polvilham a cegueira,
e eles já não veem o bordado das asas,
as tranças do anjo,
a textura desalinhada de seus passos
e me condenam a loucura

(A praticancia desassistida de sonhos
é o testemunho da morte que abomino)

Beijo a boca do anjo
e tento adivinhar o seu nome
antes que desista deste Mundo
e me abandone
perdido em alguma esquina,
repleta de olhares ausentes.

Lisboa, 17 de fevereiro de 2024

DIUTURNAMENTE

Eu me encontro
no desperdício do entretanto,
mesmo que me custe a sanidade.

Entretanto a tormenta
e o rugido da fome
me recebem na porta dos dias,
recostadas em sua rotina despercebida.

E não acelero os passos,

e isto é muito.

Domingos Martins, 29 de março de 2024

MARCOS TAVARES

Escritor. Pertence à cadeira 15 da AEL

TRIBUTO AO TRI

De cor sabe o menino o seletor plantel da “pátria de chuteiras”: a partir do sagaz técnico Zagallo. Para os estádios, em sonhos, escala-se em todas as posições. Ora é Félix, ágil qual gato, em defesa do arco. Ora se faz Brito, rocha ígnea na impenetrável zaga. Ou, em defesa do castelo de reinóis, um Torres de vigília, o “capitão” Carlos Alberto. Também se revela potente chutador, com trivela e drible curto, feito o Rivelino. Gersonifica canhotinha de ouro de meia-armador a lançar sob medida a pelota. No conduzir a esfera de couro, abrindo espaços, ou os inventando, repetindo milhão de vezes, vale o Tostão. Irrompendo veloz pela extrema direita, tornado um furacão, furando a fortaleza adversária, é já todo um monumental Jair — não um jairzinho. Com pé em chute a gol, desde o tempo de paralelepípedos, seu lépido futebol traz-lhe na pele o próprio Rei: até um soco ao ar desfecha, ele próprio narrando (“É gol de Pelé!”).

Dos 22 ases, no México, jacta-se: apenas triunfais embates, nunca empate. Jogassem, unido o povo (“Pra frente, Brasil!”), os 11 emplacam. Por rádio a pilha e por televisinho fora seguida a saga. Em iminente grito, turba então silenciosa o derradeiro apito aguarda, quando a seleção canarinho trará, por definitivo, a cobiçada taça Jules Rimet.

Afluentes a formarem leito de caudaloso rio, de cada bairro sai um grupo que se une a mais algum, sempre em progressão crescente. E, agora, uma multidão ruma, em correnteza a só avançar. Embora sob ditadura e censura, no país inteiro, de repente, são noventa milhões em ação. Dominante onda de frenesi, com o dom de levar, mãos dadas, patrícios e plebeus, em tonitruante tributo ao Tri no solo asteca. O mundo, aos pés, é uma bola girando, girando, e brasileiros somos os donos dela.

Dos morros — Morro do Quadro e periferia — desceu-se para o asfalto. Garotos fazem-se iguais em meio a uma gente diferente, mas todos juntos rumo à frente do bar da moda. E ganham o Centro da cidade os novos conquistadores. Uma buzina berra. E mais outra. Uma auriverde bandeira algum patriota estende ao menino, que a enrola ao corpo e, neonacionalista, vai caminhando e cantando, seguindo segundo a lição (“Brasil! Brasil!”). Chega-se ao *point*: o Britz Bar. Tumultuam-se na Praça Ubaldo Ramalhete. A Copa do Mundo é nossa! Já fiel orquestra faz vibrarem cavaquinho, violão, pandeiro, surdo, tamborim, cuíca, repique de mão e reco-reco. Cantoria e cantoria. Brados. E tudo, noite adentro, acaba em samba e suor.

Para casa o garoto só retorna ao amanhecer. Nem pai nem mãe se dão conta de sua falta. Muita calma no Brasil o escrete decreta.

19-06-2022.

COMENDADOR CAMPOS

O funeral do Comendador Campos revestiu-se de todas as formalidades cabíveis à sua distinta pessoa. Beletrista, era exímio tanto no soneto quanto na redondilha maior; daí ter sido muito oportuno que alunas do Grêmio estudantil tivessem lido, corpo presente, de duas a três de suas mais belas páginas. Professora Eulália, sempre comovida nesses instantes líricos, chorou ainda mais, porque nutria pelo bardo uma paixão, se não secreta, ao menos platônica, assim preservada sua virgindade. Em nome de entidade literária, vistosa coroa de flores ofertou-lhe já no velório a Presidenta Astrogilda; essa, com título assim se anunciando, compunha na Academia Feminina a ala vibrante da verve ora partida para um Olimpo celestial. Uma faixa, ainda com pintura fresca, aludia à perda daquele nobre filho: Araruama te ama, e chora!

Ainda no mês passado com ele estive, de passagem, e, com rapidez, ainda pôde perguntar: – Leste o meu *Lampejos d’Astros*? Ao que, também rápido, respondi: – Passei uma vista d’olhos! E o cortejo, lento, seguia. Alça do caixão, em revezamento, segurei por instantes.

Para tal cerimônia, vesti o meu melhor terno, o mesmo que eu envergara quando de sua emposse na cátedra quinze. E naquela noite até recebi, pelo traje, ligeira menção. Antecessor dele fora notável alfaiate, que mais sabia alinhar e coser do que empilhar verso sobre verso. E ele fizera antológico elogio à figura do homem: louvara-lhe a tesoura Vitty, francesa; o bom gosto no perfume; a técnica no dar nó em gravata borboleta; as irreverências idiomáticas; tudo, exceto as crônicas de duvidoso lirismo. Trazia sempre rigorosamente penteada a grande cabeleira; para tanto, um espelho importado tinha, habitual, ao bolso. Também o relógio de corrente doirada fazia-o um ser singular. Funerária arrumou-lhe o corpo muito além da praxe convencional: afinal, não era um defunto qualquer! Medalhas quase todas haviam de descer, com ele, à eterna morada. Amava as insígnias. Vaidoso, exibia no anelar o grande adorno de sua Loja Maçônica. Para ele, proviera dos antigos egípcios a sabedoria terrestre. Já aqueles a obtiveram dos sumérios (“Ah, a Suméria...”).

Agora, tal um Faraó, portando o adereço é que, à Eternidade, iria transpor Mundo dos Mortos. Tudo se resume em rito de passagem, acreditava.

Sucedendo ao coveiro, joguei-lhe pá de terra. Enternecido, em sigilosa oração despedi-me do imortal.

09-10-2021.

SINA SUÍNA

Outrora, um açougueiro-criador tivemos por vizinho; esse, não raro, nos fazia acordar sobressaltados com gritaria

de suínos em vias de abate. De outras vezes, sabíamos ser a nada sacrossanta liturgia da castração física sem nenhuma anestesia ao capado então cevado e doravante casto. Numa ou noutra, coro de estridentes guinchos parecia, cortante, pouco a pouco adentrar-se no ouvido, na mente e no nosso coração. Por cada dorido grunhir sofriamos réplica da algazarra assaz suína. Ainda no chiqueiro os bichos, talvez presentindo iminência de hora fatal, ficavam alvoroçados. E até mesmo os postos para procria. Erguiam cabeça, postados na vertical, patas dianteiras apoiadas ao gradil, agora bípedes, a mensurarem movimentação dos carnicheiros; esses, em quarteto. Aberta a portinhola da pocilga, elegia-se a rês. Com rija vara tangia-se à saída o eleito desde leitão. O condenado, embora réu inocente, a princípio cabisbaixo, rabo entre as pernas, por fim, num roubo, saía em disparada. Corpulento, da raça Duroc, necessário mais um algoz, além dos quatro, a segurar o bicho. Urgia derrubá-lo ao chão e, imobilizando-o, proceder ao ritual de sangria. E a criatura, no desespero de se opor, em roncões vigorosos, roucos, aos trancos, porque maciço e liso, procurava escapar de um, desvencilhar-se de dois, de três, quando não os derrubava. Esboçaram com duas fileiras um estreito corredor, por que o animal transpôs com eficácia de parafuso metálico e enroscante. Tensos todos, nervosos os risos sem porquê, também parecia ser brincadeira de adultos a correria toda aos gritos de “pega, pega!”. Um desses, mais afoito, lançava-se por cima, sobre o pescoço do desesperado, e um outro segurava-lhe uma pata; e outro, uma outra. Em desequilíbrio dezoito arrobas, pelo cansaço da desacostumada corrida rasa, e já sob o peso de um novo e obeso carnicheiro, de borco tombava o portentoso suídeo. Agora seria o instante de religiosa punhalada sob a mandíbula, por alvo a nem sempre logo localizada jugular. Mais um urro, e tremulava a pelagem algo avermelhada. Após essa inicial perfuração, se parca, costumava soerguer-se e, ato *sui generis*, empreender nova corrida, sim, bem curta. Depois, era sangue vivo respingado em tudo quanto fosse parede e

chão. Também pigmentados de líquido vermelho-escuro os aventais de plástico sobre as roupas do ofício de carnear. Até o golpe final, já ele enfraquecido por hemorragia, a empunharem facas pontiagudas, vibravam vitoriosos os homens, por todos os poros brotados nada bem odorosos suores.

Certa vez, ante o janelão de minha singular casa, um colonial sobrado de pedra, num banquinho subi e, menino bem curioso, espiei tudo. Pernas cor-de-ferrugem ainda estremeciam, *idem* os dedos fendidos, talvez em processo de desligamento, de cunho bioelétrico, entre espírito e corpo. Diante daquele torpor final, ao infante um súbito choque foi gerado! E, sem nenhuma resposta, no tempo permanecem estáticas duas perguntas: – Por quê? Por quê?

07-10-2021.

OSCAR GAMA FILHO

Escritor e Psicólogo. Pertence à cadeira 21 da AEL.

O CANTO DO RE-NATO

A maior missão de um escritor é fazer-se literatura, tornar-se literatura. Escrever bem qualquer um consegue. O diferencial é conseguir metamorfosear-se em *O Escritor*, transformar-se em matéria-prima de lendas, em homem santo da religião sem deus dedicada à adoração do hegeliano espírito da literatura, entronizar-se como *Filho do Absoluto*.

O trabalho de Renato Pacheco contribuiu decisivamente para estruturar a identidade cultural capixaba. Criou nossa primeira editora, as Edições Renato Pacheco. Participou da Academia Capixaba dos Novos, da Academia Espírito-Santense de Letras, da Comissão Espírito-santense de folclore, da Fundação Cultural do Espírito Santo, do Instituto Histórico e Geográfico local, da Fundação Ceciliano Abel de Almeida e do Grupo Letra, cujo convívio, segundo ele mesmo, o conduziu, a partir de 1981, à sua segunda e melhor fase como escritor.

Em Cantos de Fernão Ferreiro e outros poemas heterônimos (Vitória, Fundação Ceciliano Abel de Almeida/Ufes, 1985), Renato Pacheco sentou nos ombros de Ezra Pound, de Fernando Pessoa e de Jorge de Lima. Assim ombreado, equiparou-se a eles. Os heterônimos pessoanos e a escrita ideográfica de Pound foram batidos pelo ferreiro com o explosivo gelo quente vulcânico de Jorge de Lima e se converteram no seu melhor romance, uma obra-prima que lhe garante vaga na imortalidade.

O livro inspirador, de acordo com sua “*nota prévia*”, foi *The Cantos*, de Ezra Pound, de onde parte seu compromisso em ser vanguarda, descrito pelo verso que tanto inaugura quanto encerra a obra: “Agora tudo é novo e ao longe nos conduz”. Seus limites são o novo.

Sim, romance, mesmo em verso. Romances pertencem ao gênero épico, são epopeias como a Odisseia, de Homero, escrita na métrica greco-latina, que não empregava a rima. Os *Cantos* se passam em uma viagem empreendida em um navio e a ação é narrada de maneira discursiva e detalhada por Fernão Ferreiro, cuja grandiloquência enobrecedora age até mesmo sobre o cotidiano e o comum, revitalizando-os pela beleza.

Estrutura-se com princípio, meio e fim e se divide em 81 *Cantos* mais ou menos intercambiáveis no seu conjunto e totalmente independentes entre si, em virtude do método ideogrâmico criado por Pound. No método ideogrâmico, um conjunto de duas ou mais palavras ou ideias propõe, por meio da interação das relações comuns aos elementos, outro novo sentido que difere da soma individual de cada uma das palavras ou ideias.

Como em Pound, a submersão no mistério das inúmeras citações efetuadas no poema pode nos levar a olhar em volta e a mergulhar nos enigmas que nos rodeiam, pequenas bolas de luz no meio do universo escuro que se infinitiza. Tal qual fazemos com as estrelas, não devemos nos preocupar com o seu significado ou com a sua compreensão. Em arte, o único esclarecimento necessário é a intuição de estar com mais coisas na saída da obra do que na entrada. Se essa fruição estética chegar, será o bastante para ouvir estrelas falarem.

Esse é um poema épico regional: o centro do mundo é o Espírito Santo (o ponto comum a todos os conjuntos) e o centro do Espírito Santo é Fernão Ferreiro (Canto 30), já que é a partir desses dois centros que o poeta lança seu olhar aos arredores constituídos pelo resto do planeta.

Seu compromisso, dizia ele, sempre foi o de escrever sobre o Espírito Santo, só sobre o Espírito Santo, basicamente o Espírito Santo. Essa atitude o transformou no principal escritor regionalista capixaba.

E, sim, existe uma literatura capixaba baseada apenas no

critério geográfico, o único logicamente aceitável. Os elementos estilísticos ou lexicais não são suficientes para classificar uma literatura em brasileira, nordestina, baiana, capixaba, americana, inglesa ou italiana. Grandes artistas produziram esse efeito ilusório em lugares em que havia um *capital cultural* poderoso o bastante para alavancar seus autores.

Pela teoria da intertextualidade, todos os escritores escrevem um só livro desde o princípio dos tempos até o futuro. À luz da teoria do intertexto, não existe divisão do mundo em diferentes escolas literárias. Os dados técnicos originais se perdem no tempo e o simples uso do mesmo alfabeto já é intertexto com influências inevitáveis, pois cada língua nos obriga, ditatorialmente, a dizer algo diferente sobre a mesma coisa primitiva criada há 6.000 anos. Qualquer coisa é a mesma coisa e não há nada de novo sob o Sol.

A solução lógica é que o geográfico esteja por trás de cada divisão do Brasil em literaturas diversas, pois o argumento estilístico não resiste a uma análise mais profunda. Portanto existe literatura capixaba, sim, e Renato a descobriu e foi um dos seus inventores.

Só como exemplo: são grandes artistas, como Shakespeare, que produziram a literatura inglesa. Mas ele poderia ter ajudado a criar a literatura italiana com obras parecidas e com recursos técnicos similares se tivesse nascido na Itália e se sua língua fosse o italiano: *Otelo*, o mouro de Veneza, bem como *Romeu e Julieta*, são temas típicos da Itália. Em Verona existe até a casa de Julieta, criada para turistas e sabidamente falsa.

Dois fatores produzem o que se chama de literatura italiana ou inglesa:

1 – A qualidade excepcional dos artistas dentro de uma unidade geográfica que os definiu *a priori* como italianos ou ingleses, obrigando-os a falar dentro do que a possibilidade da língua determina;

2 – O capital cultural circulante, como havia em Florença. De que adiantaria Shakespeare, com toda a sua genia-

lidade, ter nascido no Brasil pobre e subdesenvolvido, como foi o caso de Machado de Assis?

Defino capital cultural como a quantia que, derivada direta ou indiretamente do enriquecimento de uma sociedade, é empregada no setor cultural, levando a um aumento de suas atividades.

Quando Renato Pacheco escreve um haikai no Espírito Santo, cria um poema da literatura capixaba. Os haicais japoneses são caracteres gráficos impressos em uma única linha vertical. Não há haicais como os nossos no Japão: esta palavra é uma transcrição, em português, de sua grafia, 短歌, que pode ainda ser *haikai* ou *haiku*. A métrica ocidental lhes concedeu 3 versos e a escansão 5-7-5. Se a análise levar em conta apenas o critério da origem da técnica, os haicais de Renato não pertencem a cultura alguma: não são japoneses, certamente, pois não foram escritos com ideogramas dispostos em uma só linha vertical.

No critério geográfico, se o autor nascer no Espírito Santo, como Rubem Braga, sua literatura é capixaba. Se a obra versar sobre um tema capixaba, como o *Canaã*, de Graça Aranha, ela faz parte da literatura capixaba.

Mesmo aos 75 anos Renato Pacheco possuía cabelos fartos e brancos em um corpo volumoso mas ágil. Não é mera coincidência que seu nome signifique re-nascido. Parecia querer reproduzir a estampa da imortal Moby Dick, antes um grande cachalote branco luminoso que no passado derrotou o mal da ignorância e da feiura, encarnado nos Ahabs da vida.

Esta baleia, matéria-prima de lendas, tal como Renato, perdeu as carnes na luta que venceu. Mas ambos cumpriram a maior missão de um ser, que é fazer-se literatura, tornar-se literatura. Manteve a memória da guerra na alma esculpida em seu esqueleto, que, visto de longe, parece com estrofes de versos ricamente melódicos e ritmados, tendo ao fundo belíssimas metáforas e imagens.

E, após seu passamento, seus ossos, tais qual o do ago-

ra Santo Anchieta, passaram a fazer milagres, pois registraram em qubits as batalhas enfrentadas pela descomunal baleia que um dia desejara apenas acompanhar o navio, embelezando a sua viagem com saltos e malabarismos poéticos. Mas quando, sob a forma de um leitor, o vento sul bate, tira deles uma canção ilusória, sedutora e pacífica capaz de curas quânticas tão absolutas quanto as de relíquias de santos.

Ao escritor tudo é permitido em nome da literatura. A abrangente obra de Renato Pacheco é o sonho de um escritor completo, pois envolve poemas, romance, história, contos, jornalismo, geografia, direito, crônica, crítica, memorialismo, ensaios, edição de livros, tradução, sociologia, antropologia, filologia, cultura popular, magistério, folclore e a generosidade de seus gestos pessoais, em que todos são bem recebidos, pois são inacreditavelmente fraternos, com os braços cheios de amor, fraternidade, esperança e perdão, como deve ser a literatura, como deve ser qualquer gesto real ou estético produzido por um escritor. A determinação e o brilho de seu caminho literário e humano fizeram com que Renato deixasse de ser mais um na multidão e o transubstanciaram em *O Escritor*. A marca de seus passos o segue.

Praia de Itaparica, 23 de março de 2014.

ORAÇÃO DE GRAÇAS PARA A CEIA DE NATAL

Dizia João que no princípio era o Verbo, e o Verbo se fez carne e habitou entre nós. O verbo é a palavra que expressa a ação, o substantivo fornece o conteúdo e o adjetivo dá cor à realidade. E o verbo, como palavra, vai manifestar sua maior função quando cria o Amor. Paulo, em Coríntios, defendia que o amor seria maior do que a fé e a esperança. Se alguém não tiver fé e for um desesperado, mas possuir amor,

estará salvo. Se for dotado de muita esperança e fé e não possuir amor, estará perdido nas trevas, sem a sua luz.

Aprendi com Alex, meu filho, que, para a teologia, o amor não é o verbo. O amor é a terceira pessoa, e, por definição, o verbo é a segunda. O verbo emana do conhecimento que deus tem de si mesmo. Essa primeira pessoa gerada se ama, no ato de se conhecer pela palavra em ação, ou seja, pelo verbo. É a segunda pessoa da trindade, a palavra, que se fez carne, dotada de amor, e habitou entre nós, como filho do homem, produzindo a realidade e seu pensamento. Pois ninguém pensa além ou antes da linguagem que o verbo iniciou.

O amor fundador da existência é uma das emoções humanas, tal como a tristeza, a alegria, a ansiedade, o medo ou a raiva. Mas também está presente em qualquer ser vivo, porque animais e plantas amam. Amam-se entre si mesmos e aos que são bons com eles, como o jardineiro e seus cuidadores.

Talvez até as pedras amem, pois suas partículas podem compartilhar da mesma energia eletromagnética, mas não possuem uma complexidade de consciência que possamos distinguir.

Pelo Teorema do Livre-Arbítrio, de John Conway, até as partículas examinadas durante uma experiência mudam durante seu transcurso e possuem liberdade para escolher o resultado da medição. Assim, ao examinarmos se as pedras amam, elas passam a amar por força do experimento. Depois da cultura do ódio, é importante mostrar que até as pedras amam e merecem amor como retorno. O que inclui o respeito ao planeta Terra e ao seu meio ambiente.

Após o *big bang*, quatro aminoácidos se uniram para formar as hélices do DNA que nos originou: adenina, guanina, citosina e timina. Inegavelmente, não só seres inertes como aminoácidos amam, mas desejam viver também, e seu amor gerou a misteriosa explosão do *big bang*. É inegável: quando dois átomos de hidrogênio se unem a um de oxigênio, há uma relação de amor embutida na reação, uma co-

munhão que dá origem a um novo ser: a água! É a Lei de Lavoisier: na natureza, nada se perde, nada se cria, tudo se transforma. O tempo altera a todos, e só nos resta rejuvenescer, renascendo do Amor.

Portanto, a refeição que ora comeremos provém do Verbo, da palavra que se tornou carne pelo milagre do amor, transubstanciando-se na hóstia sagrada do alimento de que nos alimentaremos em comunhão de família, unindo-a nos reinos animal, vegetal e mineral: carnes, plantas e minerais em que nos transformaremos nas várias almas, em uníssono som de agradecimento pelo alimento que o Senhor nos concedeu. Que nunca nos falte nada, nem amor, nem saúde, nem misericórdia, nem honestidade, nem trabalho, nem comida, nem roupas, nem remédios, nem justiça, nem tempo e nem o ouro do amor.

Casamar, 23-08-2023.

OS LONGOS SILÊNCIOS DO AMOR

O amor falastrão murcha,
E se converte em longos silêncios
prenhes de telepatia e de leitura corporal.

O último silêncio é inútil e fatal,
E aduba tantas palavras não ditas ante o fútil.
O luto é uma túnica com o texto inconsútil.

Sem alguém para amar à vera,
Nenhum lugar do mundo presta.
Por isso guarde na lembrança o que do amor resta
e sempre que se lembrar, o amor vira floresta
e campos, e cidades, e animais, e qualquer lugar
por demais resta.

Sua ausência transforma o que há de bom nos
longos silêncios
em um vazio sem sentido.
Sua volta preenche de alegria o entorno colorido
do que vale a pena ser vivido.

O amor inspira,
Mas é quando ele expira
que avaliamos o valor do seu sopro,
Se o seu hálito é balsâmico ou o bafo ardente de
um ogro.

E no intervalo entre expirar e inspirar,
Ele respira nas entrelinhas
e se eterniza, ou se apaga sua velinha.

Cada história de amor é pessoal.
Feita mais de trivialidades e da rotina informal.
Mas episódios épicos a recortam em um outro
mundo
feito de poesia, de sonhos e de almas e do veludo
do barulho do mar, sempre novo, mágico e surdo
pela repetição contínua de seu poderoso ruído.

A presença da pessoa amada
inverte os silêncios por onde o amor trafega
e os torna pausa entre as notas harmônicas
da elétrica sinfonia do amor eterno
a que sua presença lépida me entrego.

Da mesma forma que entre duas notas
existe uma nota que é o silêncio,
Entre o inspirar e o expirar o ar,
Na ausência de movimento nos pulmões,
Assim também na falta de fôlego residem
os longos silêncios do amor,

Transsubstanciados no alicerce que dá sentido
às palavras e à comunhão dos corpos.

Pois só nos longos silêncios ouvimos
a abissal e profunda
respiração do mundo:
Seu êxtase amando em tudo.

Casamar, 12-07-2024

SONHO DE MÃE
Inspirado na mãe Marilena Soneghet

Que toda mãe celebre a vida com felicidade, alegria, amor e fé. Que sejam estas as armas de que se valerão em seu bom combate. Que misturem a dor inevitável com o trigo do amor e os convertam no pão que compartilham com todos em sua volta. Que sempre mantenham o bom humor, o sorriso e a acolhida generosa. Que seu exemplo alimente sua saga matriarcal, a de seu marido, de filhos, de netos e de amigos. Que seu arquétipo continue nos nutrindo, jorrando fertilmente da comunhão dos santos, em que sempre residiram, santinhas que são inatamente. Que a marca do gesto de sua sombra saiba ser mãe, amiga, bisavó e tataravó. Que toda mãe seja linda de se ver e de se ouvir, tal qual um passarinho selvagem e sorridente. Que nós possamos rir e nos divertir muitas vezes no estado de felicidade a que ela nos conduzíra. Que, em seu nome, aprendamos a celebrar o amor com a alegria ao redor.

Que só uma coisa a mãe arquetípica pergunte a seus filhos, com sua face vária e múltipla interpretando uma Esfinge com pernas de pau e soprando bolhas de sabão:

— Vamos comemorar a vida?

Casamar, 25-07-2024

PARAÍSO CONTAGIOSO
Para Sil, esposa, mãe e amante

As antigas feridas mortais,
Que um dia ostentei como tais,
E que profetizaram a data de minha morte,
Enfim se curaram com o remédio de seu sorriso con-
sorte,
Com o amor como remédio, por sorte.

Tomei emprestado, a juro, o infantil sorriso
que se estendia de ponta a ponta da orelha que não di-
viso
mais, de que nunca duvidei, mas que me esculpiram,
nos lábios
imobilizados pela calma de um museu e por traumas
trágicos,
A alegria sem término da criança em um circo mágico.

A felicidade, que trago como óculos que não uso mais,
Usei no passado, mas ela me ensinou a usar o presente
como do real fuso:

Hoje lanço mão do tempo e do destino como recurso,
Lanço tudo em só um lance de dados, e ganho o lucro
da juventude perdida, agora de novo rediviva
pela vida contínua que jorra de sua alegria
que me dá à luz na luz do dia.

Se um dia a descrença ladrilhou os meus lábios,
A fé no amor de Sil os abriu em um sorriso fácil:
Sua alegria me contagiou com um paraíso mágico.

Casamar, 10-05-2024

À PROCURA DE INGUADA

Juventude é o que dói do lado direito,

Todo ser humano é belo, completo e todo é a esmo.

É o que dói do lado errado do peito,

É o que dói por ter sido infante meigo
Meu rumo retomo e retomo aqui o tema
lançado à própria sorte e por eu não ter jeito.
perdido de mim e do fio do poema,
Sim, lançaram a sorte para saber o padrinho
Principiando termina minha vida, mas nada tema:
meu, a luz e a luz sozinho,
E que o tê-los me arranca os cabelos até os pêlos.
Penas nascendo dos poros recém-nascidos
a perceber que de ar condicionado são seus cabelos,
ao meio-dia de um Sábado de Aleluia
desce aos pés da cruz e me tenta
em uma mulher afiada me niva.
A quebra dessa água benta

Os sinos bimbam enquanto Judas nasce velho e é
morto,
e depósito urina à vista ou só em dinheiro.

E seu corpo tornado porto é o amado aborto
E pelo faro chego ao banheiro
de judeus e cristãos que todos somos,
Mas já estou a mil ou a trinta,
Porto do vinho em sangue em que me tomo.
Pintor, não uso na bexiga toda a tinta,

No céu arde uma hóstia fria e branca,
aristocratas e, no entanto, reles.

Afiados seus dentes ardentes em franciscana carranca,
 da boca e ao osso e ao cal de peles
 Ardo-me humilde em parcos espaços vãos,
 Amigo do pai e o amigo do catão
 Nuances de fogo-francisco ardendo tanto e tão.
 Nada a confessar, digo ao padre,

Herege perdido queimado na terra sem males,
 bela e viva e vivo eu viva! a estou amando.
 Necessito do bálsamo da água dos mares,
 E eis que a vejo em mim se reencontrando
 E na sua ausência fico sem dentes
 em mim e em mim se aprofunda e desce,
 na boca vazia de cáries e doente.
 De luto e de vermelho-sangue, ela permanece

Posando entre o sim e o não, yin e yang,
 e façam jus a ela e a ela façam frente.
 Vera-luz se tornando verdade e sangue,
 Muhammad Ali, Krishna e Taj Mahal me orientem
 Tornada desde o início da vida
 Ela se resguarda trazendo dentro de si orientes,
 o único nome, chegou, e vai,
 poéticas que falam mentiras e fazem tretas,
 Vejo-a a fêmea e no deserto a língua cultivada,
 Ameaçada por maremotos de tinta de canetas
 João Batista bilíngue em felação e em verbo vivo.
 "Tudo junto e tudo torto!"

E, por mais que de maré alta ou baixa ela me deixe,
 "Não sei mais qual é meu copo e qual é meu corpo,
 Tudo bem, seguro as ondas, saí de porco,
 Circe que me faz perder rumos e gritar, virado em porco:
 O Deus primordial do planeta,
 Esposa de rei, Deusa diabólica, serva e meira,
 Ó pedinte de que não me meta,

da esquerda da musa falante e conselheira,
 Ó Deusa redonda, suave e vaca da fertilidade,
 E me resta escrever ao contrário no talho
 De colheita às costas e à idade,
 Pego à Deusa por palavras e nelas me atrapalho,
 Martelo no lugar do caralho
 A palavra é minha pena e meu legado,
 usado sempre e no trabalho.
 Astixiado por ela e por ela afogado,

PROCURA

ESPINHA, CRÔNICA PÓS-PUNK

“Espinha” era um adolescente bem mais que típico. Como todos, aos problemas arquetípicos e psicológicos somavam-se os dermatológicos, peculiares ao seu tipo.

Espinha era um bom sujeito, mesmo que o seja ao seu jeito. Jeans rasgados e corpo num trejeito de pus perfeito.

Não tinha namorada, culpa de seu defeito interno ou externo, tanto faz para ser o inferno. De quem tinha tanta espinha a ponto de não saber onde ela começava e ele se extinguia: de não saber onde era a espinha e onde ele se tinha.

Espinhas por todo o corpo — nem se fale na face — bem alicerçadas por acne.

Nos olhos, em vez de meninas dos olhos, espinhas que viam em jatos de luz de pus. Os ouvidos foram alocados alugados em troca de tímpanos por alvas amareladas em ondas sonoras circulares que projetavam uma substância manteigosa e pútrida. Apertar suas mãos, cobertas por picos lunares vulcões, era considerado heroico: aguentar uma erupção e suportar a dor da mão coberta de lava quente, meio mole.

Espinha, de não ter namoradas, se masturbava. E a mão culpada era condenada a ser coberta de sêmen cheirando ao ingrediente das espinhas que acondicionava — mistura de sêmen odorífero e de massa de parede da pele peniana — de esmegma.

Tinha imensas dores ao urinar. Lentamente saía, em gotas cremosas e amareladas, a manteiga de pus. Suas fezes eram constituídas por grandes carnegões que ele expelia com alívio.

Mas Espinha, por piedade, lhe dou o direito de ser feliz. Conheceu Fecal, perversa e linda pantera especializada em coprofagia. Fecal chupava, com seus grandes lábios, suas espinhas, e a massa que sugava era tudo que lhe convinha. Foram, então, felizes para sempre.

Casamar, 09-09-2019.

PEDRO SEVYLLA DE JUANA

Acadêmico correspondente da AEL na Espanha, 35 livros publicados em castelhano e português.

O MEU SONHO CAPIXABA

Do livro *Diálogo existência experiência*.

Meus poemas essenciais.

Passava eu o tempo me alimentando
de história, geografia e literatura,
numa terra mais interessante
que nenhuma outra. Eram dias
e noites de trabalho intenso,
comendo e dormindo menos que um sabiá.

Olhando as estrelas para
as individualizar e as reconhecer,
caí num sono profundo com a cabeça
apoiada na mesa do jardim.

Tudo começa quando o planeta Terra se torna habitável,
recebendo nos meteoritos a essência
e os primeiros indícios
da vida mais singela.
Logo aconteceu o período Cambriano,
lá na era paleozoica,
faz disso um tempinho,
quinhentos milhões de anos,
quando a existência estourou na totalidade
produzindo
a gigantesca explosão de vida d
a que tanto se escreveu.

Eu era um trilobites naquela época remota,

artrópode de três lóbulos, que,
certamente,
tinha visto com grande interesse,
já fossilizado,
na aula de ciências naturais
do colégio La Salle, meu complexo internato.

Na água, eu vivia
fazendo amigos para me defender dos inimigos,
ignorando que, fora,
a vida não seria possível
até que a camada de ozônio alcançasse
uma espessura suficiente
para deter as radiações solares mais perigosas.
Estando no período Devônico
– abro um parêntese para dizer
que vem o nome do condado de Devon,
próximo a Cornwall,
onde passei um verão
estudando inglês com meus filhos -
assim pois,
no Devônico vejo deslizar mansamente,
ainda ingênuo, o primeiro entardecer
de uma solene primavera,
sossego indescritível
roto pelo ritmo inarmônico
do incremento e desaparecimento
de inúmeras espécies evolutivas.

Enquanto o poeta que agora sou,
salta até aqui desde a estrofe anterior,
transcorrem centenas de milhões de anos,
e depois de esse lapso
a Terra muda na sua totalidade.

Os movimentos
das placas tectônicas sobre o manto

desfazem a crescida Pangeia,
estabelecendo ao sul
um supercontinente conhecido como Gondwana.

Uma parte formidável dele
é o intrincado labirinto
de enormes possibilidades práticas
que no dia de hoje o mundo distingue como Brasil.

A terra fecunda atravessada por um casal de colibris,
atual Estado de Espírito Santo,
só era um campo carecente de frutos,
nem sequer os que produziriam,
no seu momento idôneo,
os melhores açúcar e café do mundo.

Na borda contemplo uma ilha alta e formosa
de origem vulcânica.
Há lava ardente no seu interior,
embora não tenha nome próprio ainda.

Emergindo da água mais próxima
aparece um promontório granítico
que algum de nós,
reflexionando,
denominou Penedo.

Pois bem,
no topo do Penedo
éramos quatro líricos épicos
sentados em círculo.
Cordados entusiastas do equilíbrio e da harmonia,
os quatro sonhadores intentávamos
produzir uma música espontânea
que, com algo de choro,
decidimos chamar de Samba.

Joaquim Machado de Assis,
autodidata de vivo engenho,
vida plácida de literato grande,
superioridade intelectual,
serenidade e firmeza num rosto
cercado pela linha do cabelo,
barba e bigode crescidos,
se interessava por tudo, admirava a Carola,
e, vindo de baixo,
chegou a ser o primeiro presidente
da Academia Brasileira de Letras.

Hilda Hilst
filha única e aluna, como eu, de internato,
a verdade, o amor, a liberdade e a dita,
ressoavam nela como palavras crescidas no cume
das nuvens inacessíveis.
Necessitava ser feliz
e a felicidade e o desejo,
horizonte atrás do horizonte,
brincavam com ela às escondidas.
Entroncada no tempo e no espaço,
catarata intermitente, égua alada
e bandeira ondeando agitada de dúvidas,
seu instante arderá
indefinidamente.

Antônio de Castro Alves,
cabeleira ao vento reclamando
liberdade e justiça para os oprimidos
– mocidade e morte –
vinte e quatro anos de existência,
vividos com intensidade poética admirável,
lhe bastaram para deixar
uma inspirada obra em duas vertentes,
épica e lírica,
complementares.

Sobre o já Penedo,
perto da não Vitória ainda
mas sempre ilha acolhedora,
no anoitecer quieto
quebrado pela indómita perseverança
do tempo transcorrendo e transcorrendo,
os quatro vates, donos de uma
irreprimível paixão criadora,
soprávamos música na trombeta
de quem ia ser, tempo ao tempo,
meu amigo Satchmo.

É fácil compreender que
o Penedo é para a Ilha
o que a Ilha é para o Brasil e o Continente:
sentinela da entrada,
defesa e farol.

O sonho despreza a ordem
e distorce a continuidade dos dias,
embora parece certo que,
há quase dois milhões e meio de anos,
na garganta dos humanos nasceu a palavra.
E, fora quando fora, em quanto a palavra foi,
a palavra tupi explicou a beleza
descoberta pelos cinco sentidos
e a intuída,
intercambiando as experiências de cada um,
ouvidas e imaginadas.

A difusão oral de contos e estórias
entre os tupiniquins será,
por consequência, rica e proveitosa.
Tanto é assim que, segundo Elpídio Pimentel,
no seu momento, até o Penedo falava
contando às pessoas
saborosas histórias capixabas.

De todo modo, a relação
paterno-filial do autor com a sua obra
não se afiançará até chegar à arte de escrever,
de perto
também.

Depois de ler o pensamento
de Policarpo Quaresma,
filho intelectual de Lima Barreto,
achei muito laudável
que o Padre Anchieta começara
a escrever a língua tupi.

Penso que, se o Reformista
no tivesse substituído inteiramente
o uso do Nheengatu
pelo português,
as duas línguas ainda conviveriam
se fortalecendo;
de modo que os escritores, bilíngues,
chegado o ano mil novecentos
e vinte e um, se reuniriam no mesmo
Clube Boêmios
para instituir a Academia
Espírito-santense de Letras,
bilíngue.

A erosão e o homem lhe foram tirando
e tirando,
mas então era mais alto o Penedo,
mais dilatado, maior;
por isso pude me encontrar ali
com escritores amigos:
– Garota de Sacramento,
mulher de favela,
saiu teu livro desse *Quarto de Despejo*,
voou alto e longe, pombinha mensageira,

choveu o dinheiro em forma de dilúvio universal
e te chegou na distribuição
uma parte pequena.

– Discutíamos Ester Abreu e eu
sobre alguns aspectos confusos de Don Juan
baixando aos infernos
para surgir de novo
andrógino, triunfante, celestial.

– Miscigenação. Diz de mim Gilberto
de Mello Freyre, que sou a afortunada conjunção
de origens miscíveis, de misturadas culturas;
e assegura que é a mestiçagem
o princípio do progresso progressivo
e a constante dos avanços todos.

– Desenvolviam-se o sonho e o sono
intemporais
ou com os tempos desordenados,
num Sertão imaginário
que, partindo de Euclides da Cunha,
Graciliano Ramos, Guimarães Rosa
e Jô Drumond,
era a soma de todos os Sertões:
aridez existenciais, álefe,
vidas secas,
imaginação e utopia.

Fronteiriço eu, estava no centro
quando pude contemplar desde o Penedo,
trezentos e sessenta graus ao redor,
os trigais,
mar de primavera em Valdepero, ermida
de San Pedro e da Virgen del Consuelo,
castelo, arco da muralha,
colegiada de Husillos, sítios históricos de Muqui
e São Mateus,
Santuário de Nossa Senhora da Penha
e frei Pedro Palácios na gruta,

estações de Marechal Floriano e Matilde,
os troncos erguidos
e firmes da Mata Atlântica Capixaba,
Reluz,
a Pedra Soares de Ponto Belo.
Fazia calor e chovia
a cântaros.

Eu vi, abaixo, o alentejano Vasco
Fernandes Coutinho na Prainha,
desembarcando da nau Gloria
com a decidida intenção de estabelecer
a Vila do Espírito Santo e, depois,
Vila Nova de ser necessário
como aconteceu logo
com ajuda dos indígenas tupiniquins.

O sonhei desse jeito
ao contemplar seu marcial porte,
adereços de gala,
num retrato majestoso
do acervo da Casa da Memória
em Vila Velha.

Acho que observei, estou convencido,
o Padre José de Anchieta
caminhando catorze léguas
pelo caminho da praia,
desde Reritiba até Vitória,
onde se alçavam a igreja e o colégio
de São Tiago.

Vivi o momento prateado da vertigem
na Ladeira de Pelourinho em Vitória.
Maria Ortiz se fez heroína
– madeira em chamas, pedras, água fervente -
ardor e coragem contagiosos

contra os atacantes
holandeses.

Alagava o sol minhas pupilas,
não obstante, pude pensar
que é obrigação do escravo escapar,
e de quem assina um contrato
conseguir que se cumpra
do princípio ao fim
no tempo acordado.

Pelo que tenho lido de Afonso Cláudio,
que se tornou abolicionista em Recife,
efeito natural e lógico;
e o que ouvi da boca do protagonista quando,
desde Mestre Álvaro, chegou a meu amado Penedo,
Elisiário escapou da morte pela audácia
de sua vontade indomável.

Ide a Queimado, em Serra,
vereis que aí estão,
ainda firmes, os restos da igreja
lembrando
– causa e consequência –
os inolvidáveis acontecimentos.

Elos de uma cadeia inacabável,
os anos chegam
a mil novecentos e vinte e dois
quando,
Amazônia cultural com a força
de um período geológico,
Brasil dá à luz o Modernismo.

Leitor fascinado desde a infância,
no Penedo leio a revista Klaxon
junto a Mario e Oswald de Andrade,

confidência do Itabirano Carlos
Drummond, também de Andrade,
Pagu, Tarsila e Bandeira;
sete amantes
da liberdade e da renovação
escrevendo, pintando, ruas cheias de gente,
pessoas que saem das casas
e caminham pelos povos e pelas cidades,
falando de suas coisas,
pensadas e ditas,
em sua linguagem próxima e clara.

Abaporu e Antropofagia, potência
para impulsionar *A máquina do mundo*
que transportará o Brasil ao mundo
com o mundo.

Penso em Pagu no Largo de São Francisco.
A inteligente, bela e forte lutadora,
saía azul e branca de normalista,
lábios pintados de roxo,
caminho à Escola Normal onde aprendia,
chamava a atenção dos estudantes
da Faculdade de Direito.
Amei a Pagu lendo *Parque Industrial*,
ainda a amo.

Eu queria escrever
um soneto com o conteúdo deste poema;
pois sei que o soneto,
mais que diamante literário
é turmalina de Paraíba.

Contudo
o soneto exige a perfeição
para alcançar seu efeito mais atraente.
Estamos em terra de sonetistas,

tenho na minha memória exemplos
como os de Beatriz Monjardim
em *Floradas de inverno*
mais os de *Ainda o soneto* de Athayr Cagnin
ou os *Sonetos insones* de Matusalém
Dias de Moura.
Em consequência,
o soneto foi descartado
dada minha incapacidade manifesta.

Nas escritoras capixabas pretendo
homenagear as mulheres
que tiveram
obstáculos de toda espécie
para desembrulhar sua paixão criadora e,
perseverantes,
os venceram.

Adelina Tecla Correia Lyrio, capixaba
desde o ano 1863,
foi avançada na publicação
de poemas próprios em jornais,
participando nas campanhas abolicionistas
e nos saraus literários onde
se declamavam poemas
escritos pelas mulheres.

Haydée Nicolussi,
nascida em Alfredo Chaves no ano 1905,
com produção literária reconhecida
em todo o país,
'originalidade de estilo e audácia de ideias',
publicou o livro *Festa na sombra*, depois
de sair da cadeia acusada
de ter participado na Revolta Vermelha
a favor da reforma agrária.

Maria Antonieta de Siqueira Tatagiba,
de São Pedro de Itabapoana,
nascida em 1916 morreu na idade
dos elegidos, trinta e três anos.
Dificuldades económicas a impediram
seguir os estudos de medicina.
Foi a primeira mulher capixaba
em publicar um livro.
Divulgou, em 1927, *Frauta agreste*,
de poesia rítmica cheia de beleza.
'A Natureza toda é frescor, louçania...'

Maria Bernadette Cunha de Lyra,
nascida em Conceição da Barra
no ano 1938,
ocupa a cadeira número 1 da Academia
Espírito-santense de Letras,
tem publicada uma obra copiosa e magnífica
onde ilumina as mulheres
e o mundo feminino
com intensa luz própria.

E assim, há outras autoras,
capixabas de raiz, coração ou pensamento,
muito valiosas.

Devo dizer, que entendo
vasos comunicantes dum todo intelectual,
a UFES, mãe nutrícia, as Academias,
o IHGES e a Biblioteca Pública Estadual.
A colaboração faz importantes
ao conjunto
e às partes.

Nestes tempos de incerteza,
ano dois mil e vinte,
quando a pandemia abate as pessoas

em várias vertentes,
Ester Abreu assume a presidência
da Academia Espírito-santense de Letras,
instituição sólida que pronto
cumprirá cem anos.

A dez de agosto a presidente
convoca a reunião
dos acadêmicos de cadeira
e membros correspondentes.

Por isso, todos nós,
para evitar o maior contágio de lugar fechado,
deixamos momentaneamente
a sede da Casa Kosciuszko Barbosa Leão
e ocupamos o Penedo às dezoito horas,
vestindo máscara facial
e mantendo a distância social preventiva.

Tratados os assuntos comuns
cada um fala dos seus trabalhos atuais
e dos propósitos
para um futuro que não acaba
de mostrar a nariz.

Eu exponho a minha conclusão.
Filosofia, metafísica, teosofia, naturalismo,
sociologia, psicologia: entendo a espécie
humana no conjunto e nas partes:
homo homini lupus; amor, primeira
força metafórica.

Estou bem preparado: me disse.
Mas, ¿sei aonde vou?
Não estou seguro, embora este sonho
quijá marque o caminho.

No alto da coluna do Penedo,
ao modo de São Simão e os estilistas,
deixo o relato de meu sonho capixaba
para que vocês,
se esse é seu gosto,
possam interpretá-lo.

PSdeJ, Vitória, ES, através dos séculos.

LA TAREA DE TRADUCTOR EN 40 AUTORES EN CASTELLANO E PORTUGUÉS

Releo el libro para recoger en los traducidos la verdadera tarea del traductor. En cada uno de los análisis individuales se da buena parte de la respuesta. La visión del lector que es el traductor, reflejada en el análisis previo, influye en la traducción.

Jorge Manrique

Me decidí por un poeta coterráneo para iniciar esta serie de grandes autores traducidos por mí. Busco una cierta simetría, un equilibrio flexible entre las dos culturas. ¿Quién mejor que Jorge Manrique, castellano del siglo XV? Jorge Manrique posee una obra singular, porque dentro de ella están las *Coplas a la muerte de su padre*, destacando, elevándose, tirando del resto hacia arriba, sumándose. Las cuarenta estrofas de las Coplas suman 480 versos. Busqué las traducciones existentes, resultando escasas. Decidí intentarlo antes de conocer las dificultades. Es cierto, lo hubiera intentado de haberlas conocido. A los setenta años, la dificultad era para

mí un aliciente. Lo primero era tener un texto de partida. Tuve que formarlo a partir de las distintas ediciones existentes; las mejores, las más fieles, las más lógicas. Leí muchos de los abundantes trabajos que orientan: algunos contradictorios. Ahí está lo alcanzado: actual y respetuoso con el contenido.

La traducción debe tener en cuenta el ritmo, nacido de la métrica. No debe cambiar la forma original, sobre todo la rima. Portugués y castellano en este largo poema son más hermanos que nunca. Así lo sentí, así lo siento. Casi todas las palabras tenían equivalente en el idioma de llegada. Eso es una ventaja. Pero había que comprobar el sentido, consultando en los diccionarios de la RAE y Priberam. Había que poner las frases nuevas en el buscador, para ver si se utilizaban ahora y en qué proporción. No obstante, hay terminaciones en portugués distintas al castellano. Hay verbos que, en portugués, cambian de declinación y acaban de otra forma. La rima es consonante y casi siempre se consigue mantenerla. La asonante no modifica apenas el sonido. El sonido: otro elemento que debo tener en cuenta; ya que la fonética en portugués es muy distinta y el poema va a ser leído. Horas dedique a resolver las dificultades, comprobando las posibles palabras existentes y buscando el encaje justo. Mensaje, métrica, ritmo y rima: el poema de poemas pasa a la lengua portuguesa.

En casos como los de *Cecília Meireles*, *Pagu* o *Manuel Bandeira*, se da una integración mayor entre traductor y escritor, se traducen sus emociones, se traslada su manera de ser. En este poema mío lo encuentro y lo señalo como ejemplo. No debemos ignorar que un escritor es, en la base, una persona. Van juntos, pero son dos. El traductor debe conocer a ambos y llevarlos juntos en su traslado.

UMA LONGA NOITE NO SERTÃO

Poema e tradução de
Pedro Sevylla de Juana

Estrela da manhã y Libertinagem
manuscritos
viaje de circunnavegación elíptica
más allá de Recife, Rio, Santos, São Paulo
y Rio de Janeiro nuevamente,
hasta llegar
de nuevo a Totônio Rodrigues y la calle de
la União,
¿Qué hacía aquella noche
-poesía y música de la mano, pintura y
poesía
caminando juntas-
Bandeira, en el Sertão, dialogo afectivo
con un escritor español y una
investigadora capixaba?
Pregunto:
¿qué hacía
farto do lirismo bem comportado,
do lirismo funcionário público,
deseando ser un poeta crítico y salvaje
pez emergente de las aguas abisales
fiera en las interioridades selváticas?
¿Qué hacía esa noche en el Sertão,
– sonrisa insatisfecha, mitológica mirada
autocrítica memoria-
en falsa actitud latifundista?
Soñaba yo el sueño de siempre:
la humanidad satisfecha de sus cosas;
los acaparadores devolviendo lo común,
los de arriba y los de abajo viviendo
en la misma ciudad, en el mismo barrio
y en la misma casa; comiendo
en la misma mesa la misma comida.
Soñaba yo, el sueño era mío
y Bandeira lo habitaba:

Abaixo os puristas!
Abaixo o lirismo namorador!
Abaixo o lirismo que capitula!
*Siento aún el eco de sus palabras
en el pabellón de mi oído
izquierdo
-el derecho oye distorsionado-
y me sumo a su protesta, calle arriba,
cenáculo literario abajo:*
– Não quero mais saber do lirismo
que não é libertação.
*El sueño de la libertad en convivencia
con la justicia
distributiva,
y de los representantes puestos al servicio
de los representados,
era mi sueño aquella noche en el Sertão.
Discutíamos Ester Abreu y yo
sobre algunos aspectos confusos
de Don Juan, bajando
a los infiernos para surgir de nuevo:
andrógino
triunfante,
celestial.
Se desarrollaban el sueño y el ensueño
Intemporales
o con los tiempos mezclados,
en un Sertão imaginario que,
partiendo de Euclides da Cunha,
Graciliano
Ramos, Guimarães Rosa
y Jô Drumond,
era la suma de todos los Sertões:
arideces existenciales, aleph,
vidas secas,
horizonte detrás del horizonte,
imaginación
y utopía.*

*Si sucediera: pensé un instante: que
 Pasárgada
 ocupara un extremo imaginario del
 Sertão?,
 el correspondiente a Utopía, exempli
 gratia;
 o al exoplaneta Gliese 581 g
 donde la felicidad pende de las ramas de
 los árboles,
 siendo el aire maná alimenticio;
 y Manuel Bandeira llegara allí
 num momento de fundo desânimo,
 desde a casa da Rua do Curvelo
 en el fondo del ánfora de su tristeza más
 triste:
 Não sei dançar,
 Meu verso é sangue,
 Cai, gota a gota do coração...
 Y si en ese instante
 mágico y mínimo
 aparecieran
 Bandeira y Guimarães riendo a
 carcajadas...
 ...si así fuera
 me dije,
 yo me sentiría realizado.
 Volví en mí al exclamar:
 ¡grita, ríe, vive!, Manuel Bandeira;
 me alegra que coincidamos en la función*

*liberadora,
 detersoria
 de la poesía.
 Acomódate, invité:
 siéntete como en tu casa en mi sueño
 sertanejo:
 não a Veneza americana
 não o Recife dos Mascates,
 sea en este Sertão de Sertões, gris y gélido,
 voces simbolistas, parnasianistas,
 modernistas,
 sequedad en la garganta
 imaginando con Ester Abreu y conmigo
 el triunfo último de don Juan
 convertido
 en mujer,
 en valerosa hembra feminista.
 Vou-me embora para Pasárgada, dijo,
 Mirada displicente,
 manos en los bolsos vacíos:
 Lá sou amigo do Rey.
 Lá tenho a mulher que eu quero.
 Y lo vi marchar a lo lejos, sueño adelante,
 convidado por Baudelaire,
 cuando el sueño despertaba en mí,
 yo despertaba en el sueño
 y en la escuela los libros se cerraban:
 corrección del profesor Veríssimo:
 Capibaribe!, Capibaribe!*

En las Rimas de Gustavo Adolfo Bécquer se da el sentimiento, el tono que flota sobre las palabras. Me refiero a esa emoción, ese aroma, esa bruma, esa iluminación que han de incorporarse al poema en el idioma nuevo, el portugués en este caso.

¡Qué decir sobre la traducción de Andrés Bello al portugués! El traductor debe ir con la humildad sentida ante la ingente obra del autor, ante su enorme voluntad intelectual.

Esa humildad nacida de la admiración, debe reflejarse en el conjunto. El castellano de la obra, difiere en algunos casos del actual y se debe trasladar al portugués actual. Dar ese salto sin que se note, es tarea del traductor.

Camões y Os Lusíadas. El traductor debe conocer la cultura clásica y la moderna, ha de ver lo de entonces desde el ahora. Mitología y religión unidas. La expansión de la obra a través de los tiempos y de los países, la implicación de otros autores, *Voltaire* en este caso, y su manera de ver la obra que se pasa a otro idioma.

El traductor, por tanto, no debe limitarse a la obra del autor traducido, ha de ser investigador para llegar a las causas y a las consecuencias.

Yo me pregunto y pregunto al lector, ¿puede ser creativo el traductor siendo fiel al autor y a la obra? En muchos casos, cuando el conocimiento del traducido es muy grande, me respondo con un *SÍ*.

Carlos Drummond de Andrade me sirve para señalar la enorme importancia de comprobar el original de partida. Ha de ser el auténtico. Se dan casos de dificultad. Sirva mi poema sobre esta traducción como ejemplo.

TRABALHOS DO TRADUTOR PEDRO SEVYLLA DE JUANA

*Tinha trazido ao castelhano
desde o idioma português vários centos
de poemas, filhos de muito diferentes
bardos;
por isso me atrevi com um dos grandes:
Carlos Drummond
de Andrade e seu audaz
e celebrado
'A Máquina do Mundo';
pilar do Modernismo neste
Brasil
de meus desvelos.*

*"...se foi miudamente recompondo,
enquanto eu, avaliando o que perdera,
seguia vagaroso, de mão pensas."*

*Cheguei ao ponto morto,
certamente,
na postrema estrofe, pedra angular
e fechamento do poema.
Mas stricto sensu
a dificuldade,
insuperável então,*

*de mão pensas
premeditada falta de concordância do
autor
estava nas três palavras
últimas.*

“Y como mis pies palparan suavemente
una carretera de Minas, empedrada,
y en la aldaba de la tarde una campana
ronca...”

*Me animou o princípio, o confesso,
e me crendo
capaz de o traduzir inteiro
continuei carregado
de otimismo contagioso:*

“...la máquina del mundo se entreabrió
para quien de romperla ya se arrepentía
y solo por haberlo imaginado lagrimaba.”

*Pressentia a minha imodéstia
algum inconveniente
dos considerados menores.
Nada y nadie iban a suponer obstáculo
bastante
para que, mi fuerza expresiva, expresara
-raíz y tallo nutriéndose, armonía
encadenada-
lo mucho que mi inteligencia compartía.*

“Arrancó suntuosa y reservada,
sin emitir un sonido considerado impuro
ni un resplandor mayor que el
soportable...”

Progresivos
sonido y movimiento, amanecían
martes y miércoles unidos,
jueves y viernes de la mano

y yo me las prometía
tan felices.
*Desconhecendo ainda
o que agora sei, minha intuição
apagava: Se abriu, para escrever
em seu lugar: Arrancó:
palavra-chave.*

“...esa exégesis integral de la vida
ese vínculo inicial y único
que no llega a interpretar pues tan
arisco...”

Filosofía, metafísica, teosofía,
naturalismo,
sociología, sicología: entiendo al hombre
en su conjunto y en las partes:
homo homini lupus; amor, primera fuerza
metafórica:
estoy bien preparado:
me dije: exégesis sin duda tiene ahí su
hueco.
¿Sé adonde voy?: Creo conocer el
sendero.

“...y la gloria de los dioses y el
imponente
sentimiento de muerte, que florece,
en el mástil de la existencia más
gloriosa...”

*Exultante estava e convencido
de minhas instáveis reservas, ente eu
que se autoalimenta
alimentando a própria dúvida;
já, sexta-feira dia nove,
pouco antes
das duas da manhã,
desconhecendo que numa noite de insônia
posterior,*

*o labirinto de mão pensas
pensando e repensando
me ia mostrar sua saída.*

“...como olvidados credos requeridos
pronto y vibrantes no se dispusieran
a colorear de nuevo la cara neutra...”

*Presto y fremente:
pronto y vibrantes: pluralizo;
mas mão pensas segue martelando a
minha cabeça
porque perguntado o discernimento,
temporalmente viajero, não
me pode fechar uma mão,
nem o dicionário Priberam, sempre tão
atento a minhas necessidades;
recorro a Mario
também Andrade de apelido,
a suas cartas cruzadas com Carlos,
e não está nelas a saída.*

Al sentido común voy, último recurso,
y de su respuesta rauda y precavida,
minucioso análisis de las palabras,
infero una posición de duda sobre la
fiabilidad
del texto de partida.
Incorporo la incertidumbre a las posibles
soluciones;
y decido escribir: “olvidados credos
requeridos”
como versión del verso al que,
por el momento, llego.

“...pasara a dirigir mi voluntad
que, ya de por sí inestable, se cerraba
semejante a esas flores indecisas...”

Descobria admirável o nexo literário,

*o ritmo, a paixão,
a veemência sujeitada; mas na
amanhecida
me intrigava mais ainda
o sentido exato que o poeta
quis dar às indômitas palavras
de mão pensas, sua concreção abstrata.*

Me encontraba en punto muerto
esperando una resurrección imposible
o un entierro profiláctico, cuando
la primera luz de la alborada, en otra
noche,
avivó mi mente trasladándome,
infante, a mi pueblo;
época agitada do traçado
dessa breve estrada que vai de Valdepero
a Valdeolmillos:
povos limítrofes separados pelos montes
de azinheiras.

Allí el burrero y su reata de asnos,
serones repletos de rocas;
allí los pedreros, que
con sus martillos largos
machacaban peñas, alisando;
allí los peones con sus paladas de tierra,
allí la máquina aplanadora,
apisonadora por buen nombre:
férreo cilindro macizo la rueda delantera
destinada a compactar el suelo,
transformando
tierra y piedra sueltas
en calzada resistente.
Isso era, aí estava o quid.

*Esclarecido e esclarecedor
compreendi que podia retirar da
engrenagem o pau
na tradução de “A Máquina do Mundo”.*

La acompasada voz silente de la
cachazuda máquina,
vino a mí: atrás y adelante, adelante y
atrás,
guiada por un operario experimentado,
sutil e inteligente, haciéndose preguntas
y respuestas,
iluminado en la noche
por un fanal sereno,
y en los descansos muchos
bajaba a tierra para palpar con el pie el
empedrado
o apoyaba, pensativo, en el timón
los brazos cruzados, las manos
sobrepuestas,
observando los trajines de los demás
oficios
desarrollados a sus pies.

*Ainda habitava eu a dúvida, quando
Carlos Machado,
poeta difusor de poetas, grande
pesquisador
de Drummond
com firme conhecimento de causa,
me enviou o carinhoso e esclarecedor*

aviso:

*“Essa falta de concordância não existe:”
as edições certas incluem o “s” de mãos.*

*Assim que eu havia sofrido sem razão
verdadeira
porque nesse verso postreiro
Drummond escreveu
inequivocamente:
seguia vagaroso, de mãos pensas.*

Saturados de murmullos: “*hálito, eco
o simple sacudida*”, mis oídos internos,
lleno yo de un vigor intuitivo
destinado a seguir vertiendo
al castellano
esas “verdades más altas que tantos
monumentos erigidos a la verdad;”
*esclarecido o mistério das três robustas
palavras,
últimas do vibrante poema,
adotei a decisão de o terminár assim:*
“...poco a poco se fue recomponiendo,
mientras yo, valorando lo perdido,
permanecía indolente, mano sobre
mano.”

Em la *Araucana de Ercilla* se dan lo ibérico y lo iberoamericano unidos, mi gran pasión. Como en Camões, Voltaire analiza el gran poema épico y traduzco su análisis del francés. Es Voltaire, nada menos. Pero Voltaire también ha de ser analizado para dar importancia o no a lo dicho sobre el autor que traducimos. Voy a su obra y por Adrien-Jean-Quintin *Beuchot*, editor de sus obras completas, sé que las circunstancias de las publicaciones antes y ahora eran parejas.

Dice así: Advertencia:

«Este ensayo sobre la Poesía Épica, de la que el ensayo sobre las Guerras Civiles debía formar parte, fue compuesto por Voltaire para servir de introducción a su Henriade. El autor lo escribió y lo dio a la imprenta en inglés, se lo mandó traducir al francés al abad Desfontaines, quien cometió un buen número de erratas; de las que Voltaire se quejó en repetidas ocasiones.

El abad Desfontaines pretendió no ser el autor de la traducción, pues se la atribuía al conde de Plélo; llegando a decir que Voltaire no escribió su libro en inglés, sino en francés y que después de haberlo traducido al inglés, se lo dio a corregir a su maestro de inglés. Voltaire no dejó sin réplica esas afirmaciones, que eran tardías, porque, en 1732, la traducción del ensayo, con el nombre del abad Desfontaines había sido imprimida después de la Henriade. La traducción del ensayo se imprimió en París con esta advertencia, también traducida del inglés».

Se ha dicho que la poesía resulta de traducción más compleja que la prosa. Bueno, puede ser así, no lo pongo en duda. Aunque, a mí, como escritor, ensayista y poeta, me gusta traducir poesía. En la poesía soy más completo. Creativo, claro. Tan creativo como lo sería el autor si hubiera escrito el poema en el nuevo idioma. Profundizar en la persona y en a obra del autor resulta imprescindible. Debo admitirlo: traduciéndome a mí, recreo. Modificando, luego, el original en castellano.

Hilda Hilst fue hija sola. Yo también. Estudió en un internado. Yo también. Eso me ayuda al traducirla. Se siente incomprendida. Escribe: La gente nunca sabe nada/ sobre el otro.

En algún momento escribí: Me gustó tanto y tanto la poesía de Juan Ramón Jiménez, leído en profundidad durante el curso Preuniversitario en Madrid que, durante un buen tiempo, fue mi mayor referencia poética. Después lo fue, también, Neruda. Hasta que quise contarlos comenzando a ser lo que soy: Tratar como grandes las cosas pequeñas, tratar como pequeñas las cosas grandes.

Traduciendo a *Antonio Machado* tengo en cuenta que el poema en curso presenta solo la forma y el modo de ese momento. Otros poemas son originados por otras miradas y otros convencimientos.

Visité una favela brasileña de noche con un amigo, pasando un rato de conversación en dos viviendas. Todo ello para acercarme a *Carolina Maria de Jesus*.

Hablo de todo lo aportado por mí a la traducción. Pero no puedo silenciar, porque el reflejo está en mi obra, los treinta y cinco libros publicados y la Web (sevylladejuana.com), todo lo que la traducción, complemento de la lectura, me ha dado: Iberia e Iberoamérica.

SERGIO ABOUDIB

Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado. Pertence à cadeira 36 da AEL.

DISCURSO DE POSSE NA CADEIRA 36

Boa noite a todos. É um prazer enorme estar aqui, com a presença de todos vocês. Quero cumprimentar a mesa, a Nossa Presidente Esther Abreu, o Vice-Presidente do Tribunal de Contas Ciciliotti, o deputado Marcelo Santos presidente da ALES, o ex-governador José Ignácio, o Presidente de honra da AEL Professor Francisco Aurélio Ribeiro, o presidente do IHGES Getúlio Neves, o meu colega Jonas Reis, minha esposa Cristina e Luciana, filha do Douglas. Preciso registrar duas ausências. Meu netinho Ravi que pegou uma conjuntivite na escola, e tia Fátima Cunha. Ela me mandou uma mensagem linda. Tia Fátima viria aqui hoje, mas teve um problema de joelho. Ela faz parte da Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro.

Quero cumprimentar e agradecer também aos nossos músicos, Joca Vargas no violão, e Pádua na flauta, que com sua arte abrilhantaram essa solenidade. Cumprimentar também os netos de Douglas. Amanda e Douglas Neto.

Inicialmente, quero esclarecer que usarei as orientações do Conde Francesco Matarazzo neste discurso. Ele dizia que devemos falar de pé, para ser visto; falar alto, para ser ouvido; e falar pouco, para ser aplaudido. Todos que me conhecem, sabem que meus discursos são sintéticos. Acho que é por causa disso que junta gente.

Hoje é uma noite muito especial, porque é uma noite de agradecimentos. Irei fazer vários. Inicialmente registrar que tive a sorte de conviver, e escrever dois livros, com pessoas muito especiais. Muito melhores do que eu. Orlando Eller e Lúcia Garcia. Dois jornalistas de escol e seres humanos fantásticos. Tenho certeza de que o brilhantismo deles, também

me ajudou a chegar aqui. Então o primeiro agradecimento vai para eles.

Agora, gostaria de explicar essa história de ser imortal. Todos nós somos eternos, todos nós somos imortais. Seremos eternos, enquanto formos lembrados. Até o dia de hoje a minha imortalidade, estava condicionada a existência de Ravi, que é meu netinho, e a pessoa mais nova que convive comigo. Então, enquanto Ravi vivesse, eu seria imortal. Porque estaria vivo em suas lembranças.

Mas, ao tomar posse nesta academia, na cadeira 36, isto mudou. Porque toda vez que houver uma mudança nessa cadeira, também serei lembrado. Essa é a obrigação de quem toma posse. Lembrar aqueles que passaram por essa cadeira. A cadeira 36. Tem como patrono, Pessanha Póvoa. E teve como primeiro ocupante o professor Kosciuszko Barbosa Leão. O segundo ocupante foi o médico José Moysés. O terceiro ocupante foi o também médico Douglas Puppín, e o quarto sou eu. Vamos então começar os agradecimentos obrigatórios.

Vou começar do final para o começo. Começo agradecendo ao Douglas Puppín, último ocupante dessa cadeira. Douglas era um amigo muito querido. Uma amizade herdada do meu pai, também médico, também de Alfredo Chaves. Douglas era um italiano típico. Grande, espaçoso, falava alto, com histórias divertidíssimas. Foi professor da Ufes, deputado estadual, Secretário de Estado da Saúde. Suas obras foram baseadas na imigração italiana. Muita pesquisa envolvendo as famílias italianas que chegaram no nosso estado, e romances também com esse pano de fundo. Para mim, é muito especial substituir o Douglas, porque me lembro de ter ido às lágrimas, lendo o seu romance *Giovani Maria*, dado a mim pelo próprio autor. Além do romance *Giovani Maria* já citado, também publicou *Do Veneto para o Brasil*, *Assim cantava a nonna*, *La vita de Vitório e Pietro: Benemérito da libertação de Roma*.

Importante registrar também que o nosso Douglas, foi

recentemente homenageado como patrono da cadeira 13 da Academia de Letras e Artes de Venda Nova do Imigrante. Por tudo isso, muito obrigado querido amigo Douglas Puppín. Onde vosmecê estiver, receba o nosso carinho, a nossa lembrança e o nosso agradecimento.

Douglas substituiu o médico José Moysés. Também professor de medicina, da Emescam, família de descendentes de libanês, assim como eu. Foi uma figura de muita atuação na sociedade capixaba. Presidiu o Conselho Regional de Medicina, a Associação Médica do nosso estado. Foi secretário de estado tanto na área da saúde, como da educação e cultura. Presidiu várias instituições de destaque na área cultural, onde destacamos a Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, a Associação Espírito-santense de Imprensa, e a própria Academia Espírito-santense de Letras. Foi sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Sua obra literária é de muito valor para a disseminação dos conhecimentos técnicos da área médica. Especialmente de traumatismo do abdômen e na área de pneumologia. São mais de dez livros técnicos de medicina com amplo reconhecimento, além de uma análise sobre a crise da medicina na década de 70, e um sobre São Lucas, o padroeiro dos médicos. Após a sua morte, seus textos inéditos foram publicados em uma obra com o título *Crônicas*, pela Academia e pelo Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Então caro patrício José Moysés, receba as nossas homenagens, as nossas lembranças, o nosso carinho e agradecimento. Muito obrigado.

José Moysés, substituiu o primeiro ocupante de nossa cadeira. O professor, poeta, jornalista e advogado Kosciuszko Barbosa Leão. Foi professor da Faculdade de Direito, foi Chefe de Polícia, Procurador da Fazenda Nacional. Foi diretor do Colégio São Vicente de Paulo, cujo prédio doou à Prefeitura Municipal de Vitória. A sede da nossa Academia, foi moradia do nosso homenageado. Também doado por ele. Tanto que a Academia também é conhecida como a casa de

Kosciusko. Sua obra é vasta, não só em quantidade como em diversidade. Poesia, peças de teatro, filosofia, política e religião. Destacamos a peça de teatro *Cinco Noivados*, os livros de poemas, *Travos e Trovas*, *Canoeiros e Meditações*. Bem como o livro *Alma e Deus* de filosofia. Autor de diversas análises como *A visão da miséria através da polícia*, *O Estado Novo e a liberdade*, *O primado do bacharel de direito*. Sua atuação como combativo jornalista no *Diário da Manhã*, na República Velha, acaba por levá-lo a participar do movimento que desembocou na revolução de trinta que tem como principal ator Getúlio Vargas.

Como podemos perceber, o nosso querido homenageado teve uma vida intensa. Onde estiver, caríssimo, receba as nossas homenagens, o nosso carinho e o nosso agradecimento, Muito Obrigado. Vamos ao último agradecimento obrigatório. Teremos outros, já adiante.

Vamos agradecer ao patrono dessa cadeira: José Joaquim Pessanha Póvoa. Foi jornalista, advogado, político e escritor. É bem possível que a maioria de nós tenha tido acesso a obra de Pessanha Póvoa, ainda na infância, como aconteceu comigo. Tinha uma matéria chamada canto orfeônico, onde aprendíamos a cantar o Hino Nacional, o Hino da Bandeira, o Hino da Independência, e o hino do nosso estado. Pessanha Póvoa é o autor da letra do Hino do Estado do Espírito Santo.

Tem uma coisa que Pessanha Póvoa não sabe, mas ele é o responsável pela amizade de Luzia Toledo, minha querida amiga, com o professor Francisco Aurélio Ribeiro. Explico. A Luzia era deputada estadual, e implicou com um verso do hino: “Nossos braços são fracos, que importa, temos fé, temos crença a faltar”. Luzia nunca aceitou que nossos braços fossem fracos. E ela é muito brava. Como deputada queria mudar o hino com um projeto de lei. Ela só não sabia que iria enfrentar o professor Francisco Aurélio. Outro bicho tinho-so. Era uma briga boa.

Aliás, essa briga me lembra uma história que Camata

contava. Ele dizia que um camponês estava passeando em uma floresta, quando encontrou uma onça. Ele tinha um canivetininho, e era devoto de santo Onofre. Aí ele segurou na medalhinha que carregava no pescoço e falou: Santo Onofre, se o senhor estiver do meu lado, faizei com que este canivetininho, acerte o coração da onça; mas se o senhor tiver andado muito com São Francisco, e estiver do lado da onça, faizei com que eu morra na primeira patada da bicha. Agora, se o senhor não quer se envolver nessa briga, senta naquele toco de árvore, que vosmecê vai ver o bicho pegar fogo aqui.

O fato é que essa briga da Luzia prometia. Imagino eu que Pessanha Póvoa tenha nos comparado aos nossos estados da região sudeste. O Rio de Janeiro era a capital. Minas, com suas riquezas. São Paulo, é um país dentro do Brasil. Pra quem não sabe, o maior orçamento do Brasil é o da União. O segundo maior, é o do estado de São Paulo, e o terceiro maior, é o da prefeitura de São Paulo. Então a comparação realmente nos era muito desfavorável. Mas, mesmo sendo o menor, ainda assim Pessanha Póvoa reconhecia uma força muito importante: pela fé e pela crença de nosso povo. O que importa é que ao final Luzia cedeu, e se iniciou uma bela amizade.

Jornalista militante, Pessanha Póvoa publicou vários livros onde destacamos: *Os Heróis da Guerra* (Paraguai), sobre os heróis das artes (Carlos Gomes e Pedro Américo), sobre Tiradentes e Bocage. Três dos seus livros estão relacionados a interesses capixabas: *Legendas da província do Espírito Santo*, *A instrução e o novo Ateneu de Vitória* e *A cela do Padre Anchieta*.

Então, meu querido patrono José Joaquim Pessanha Póvoa, receba o nosso reconhecimento, o nosso carinho e agradecimento. Muito Obrigado.

Muito bem. Cumprida essa etapa protocolar, devemos fazer mais alguns agradecimentos. Conforme disse, hoje é uma noite de agradecimentos.

Em primeiro lugar, agradecer a presença de todos vo-

cês. Meus irmãos, meus filhos, meu netinho, minha tia, meus primos, colegas de trabalho, amigos. Meus colegas... É muito bom viver esse momento na presença de pessoas tão queridas, e tão especiais na minha vida.

Em segundo lugar, agradecer a todos que se envolveram na realização dessa solenidade. Especialmente aos servidores do tribunal, que com imenso carinho e dedicação, tornaram possível este momento tão especial.

Em terceiro lugar, agradecer aos meus confrades, que me escolheram para participar da Academia. Quero agradecer profundamente, e dizer que eu vou dar o meu melhor. Nessa oportunidade faço um agradecimento especial ao Jonas Reis, que fez a saudação em nome de todos. Jonas além de ser um querido amigo, é muito mentiroso. Então, todos têm que dar um grande desconto nas palavras carinhosas com que fui honrado nessa noite.

Por fim, um agradecimento especial a Cristina, minha cúmplice nessa caminhada. Minha primeira leitora das histórias, minha musa das poesias, minha tudo que me completa em um casamento de mais de 40 anos.

Ela, que comprou as minhas ações na baixa. Casou com um estudante de medicina desempregado, me comprou na planta.

Eu sempre digo que esse casamento feliz tem um segredo. Eu faço só o que tenho vontade. Ela diz se eu estou com vontade ou não. Esclareço ainda que esse negócio de ser imortal, não é novidade para mim. Porque o amor que nos une, sempre foi imortal.

Antes de terminar o meu discurso, quero chamar atenção para as minhas meias. Uma é rosa com carinha de gatinha, tem como objetivo homenagear as mulheres, seres humanos muito melhores do que nós homens. São mais sensíveis, mais verdadeiras, mais equilibradas. E continuam a ser assassinadas, desrespeitadas e perseguidas, apenas pelo fato de serem mulheres. Isso tem que acabar. Nesse livreto que todos receberam hoje, tem uma poesia chamada *Deusa*, que

demonstra todo o meu respeito pelas mulheres. A outra meia é totalmente colorida lembrando a bandeira dos nossos irmãos e irmãs que sofrem preconceito e perseguições em face da sua orientação sexual. É impressionante como uma sociedade doente acha normal ter um filho cafajeste, que bate na mulher, e se incomoda tanto com aquele filho que é homossexual.

E por que as meias são diferentes? Porque hoje é o dia da conscientização da síndrome de down. Essa utilização de meias diferentes nesse dia é a forma de manifestar apoio e respeito a essas pessoas que cada vez mais participam ativamente de nossa sociedade, e tem que ter oportunidades para possibilitar essa participação. Sabe por que usar meias diferentes se transformou em uma forma de manifestação? Porque o diferente é divertido.

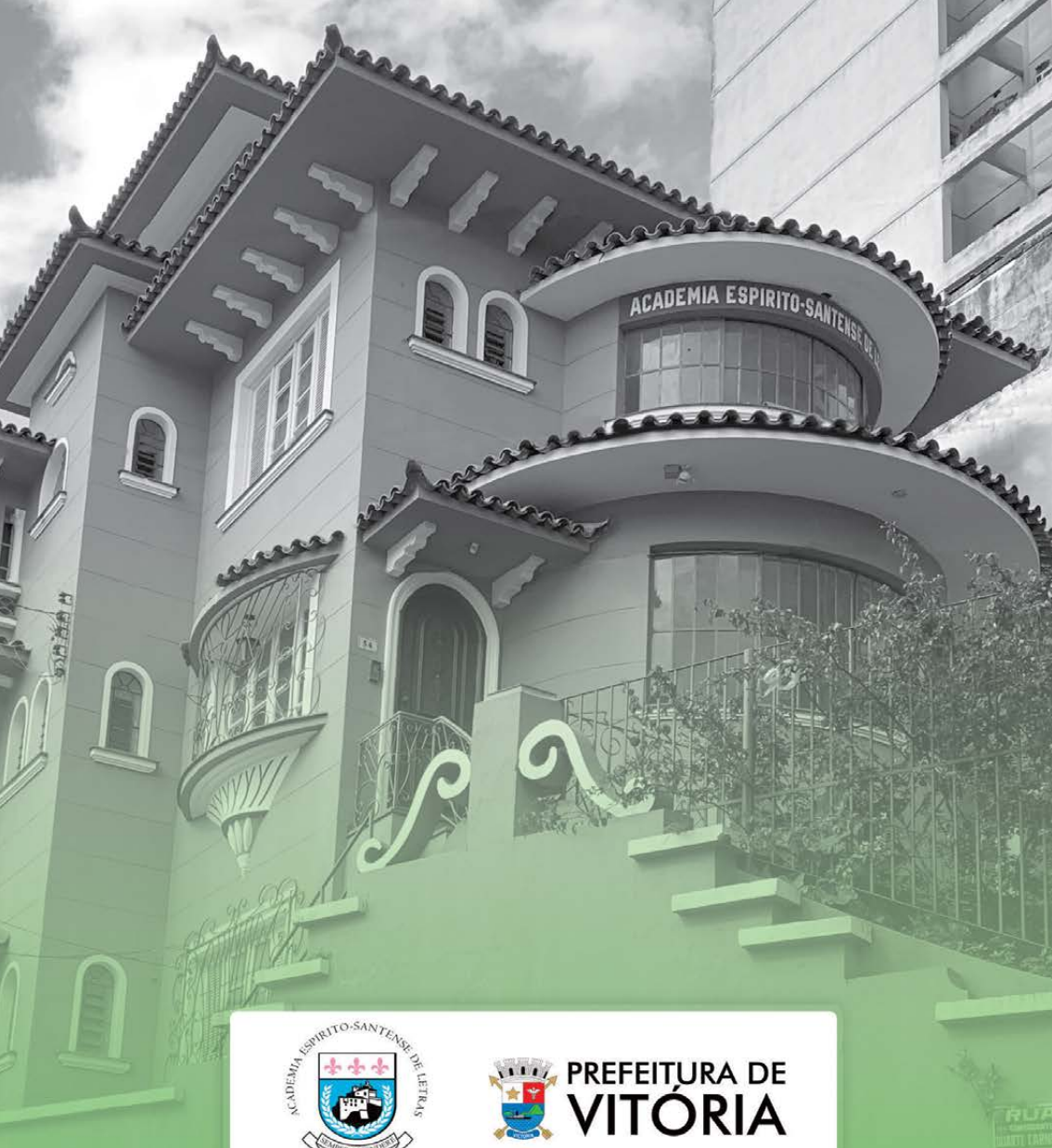
Nós estamos vivendo um momento muito complicado, de muita intolerância, de profundo desrespeito ao pensamento do outro. Resolvi usar esse momento, tão especial para mim e para meus amigos, para chamar a atenção de todos, e quem sabe, fazer com que esse momento fosse também útil, para difundir ideias e conceitos, que melhorem a relação entre todos nós.

Eu, mesmo sendo um homem branco e hétero, tenho um coração inclusivo que respeita e valoriza a diversidade.

Muito obrigado e boa noite.

Auditório do Tribunal de Contas, em 21/03/2024.

OBRA IMPRESSA NA GRÁFICA GSA PARA A
ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS
EM 2025



www.ael.org.br



PREFEITURA DE
VITÓRIA

ISBN: 978-6-58512-173-6

